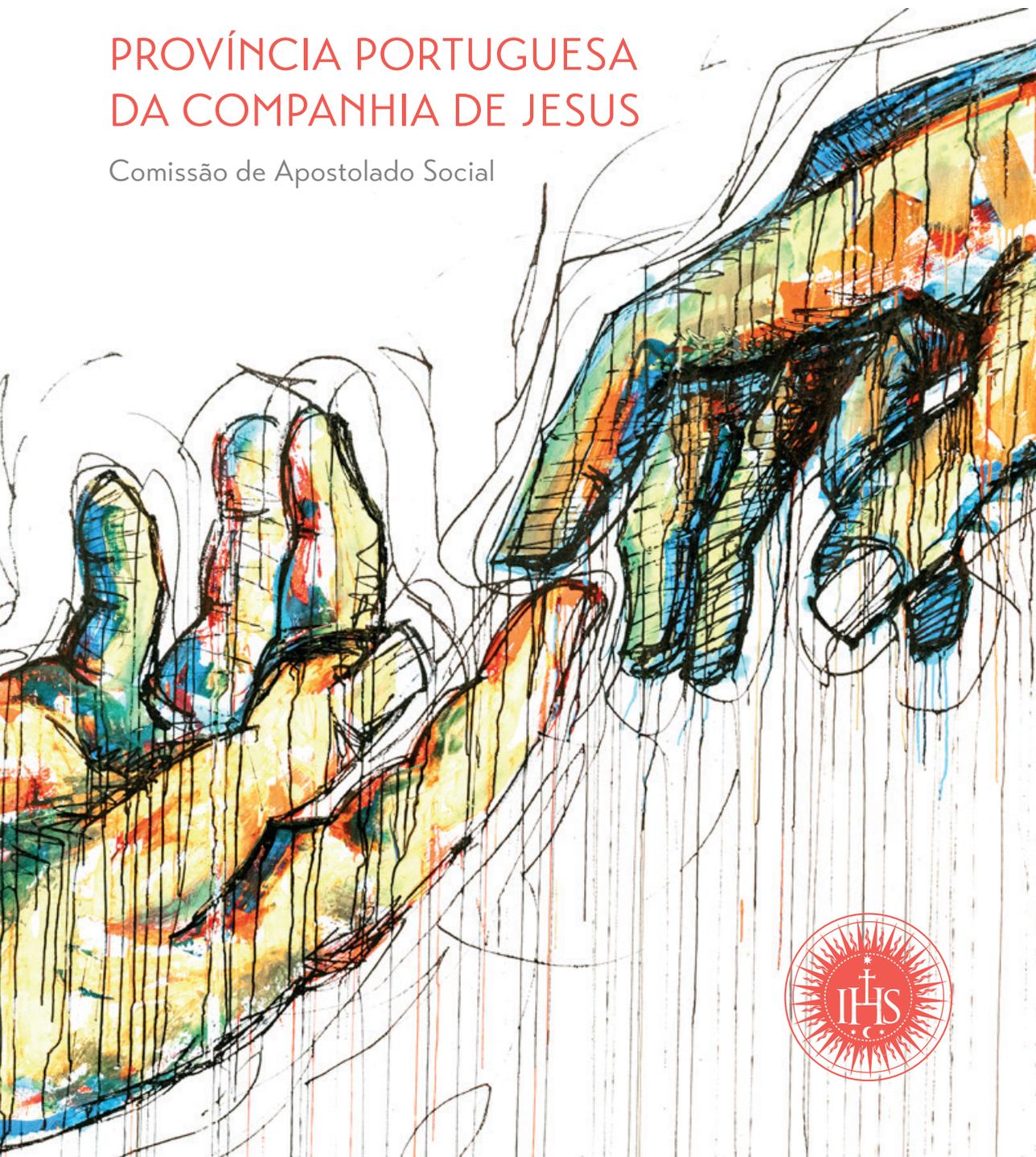


Obras Sociais Inacianas

PROVÍNCIA PORTUGUESA
DA COMPANHIA DE JESUS

Comissão de Apostolado Social



Obras Sociais Inacianas

PROVÍNCIA PORTUGUESA
DA COMPANHIA DE JESUS

Comissão de Apostolado Social

Ficha Técnica

Colaborações

Título: Obras Sociais Inacianas – Comissão de Apostolado Social
– Província Portuguesa da Companhia de Jesus

Coordenação: Fernando Ribeiro, sj.

Investigação/Redação: Teresa Rebelo de Andrade

Revisão: Pedro Franco e Fernando Ribeiro, sj.

Fotos: Vários autores:

Fotos dos arquivos de cada obra da CAS

Teresa Rebelo de Andrade

Patrícia Pedrosa

Quarta fotografia do JRS © Kristóf Holvényi

Edição das Fotografias: © Sara Moinhos

Design Gráfico e Paginação: © Apostolado de Oração (AO)

Edição

Editor: © Apostolado de Oração (AO)

Local de Edição: Braga

Data de Edição: Abril de 2022

Copyright

© Comissão de Apostolado Social

da Província Portuguesa da Companhia de Jesus

 PORTICUS



PROVÍNCIA PORTUGUESA
DA COMPANHIA DE JESUS
COMISSÃO DO APOSTOLADO SOCIAL

Índice

- 09** **Introdução**
do Coordenador da CAS, Fernando Ribeiro sj
- 12** **Paróquias**
Covilhã, Lumiar, Pragal, Mexilhoeira Grande e Nossa Senhora do Amparo
- 30** **APAP**
Associação Padre Amadeu Pinto
- 40** **FGS**
Fundação Gonçalo da Silveira
- 50** **JRS**
Serviço dos Jesuítas aos Refugiados
- 62** **Centro Social da Musgueira**
- 76** **Grupos de Voluntariado**
F.A.S. RONDAS, GAMBOZINOS, GRÃO, RABO DE PEIXE
e FOSTE VISITAR-ME
- 96** **Centro Social e Comunitário São Cirilo**
- 106** **LD**
Leigos para o Desenvolvimento
- 120** **Associação Casa Velha Ecologia
e Espiritualidade**
- 134** **Colégios**
Colégio das Caldinhas e Colégio São João de Brito

Introdução

Uma das perguntas que a sociedade faz com frequência é sobre as respostas sociais da Igreja e das suas instituições. Há quem pergunte onde estão; há quem considere que se faz pouco; e há mesmo quem pense que a resposta dada pela Igreja aos problemas sociais é residual.

A Companhia de Jesus, desde a sua fundação, sempre teve um cuidado especial não só com o acompanhamento espiritual e a educação, mas também com o acompanhamento dos mais desfavorecidos. O grupo dos primeiros jesuítas, conhecido como “Primeiros Companheiros”, entre os vários ministérios que exercia (pregação, exercícios espirituais, catequeses, confissão e reconciliação dos desavindos), prestava também serviços nas prisões e nos hospitais e em outras obras de caridade.

Na Província Portuguesa da Companhia de Jesus, a partir da década de 60 do século passado, surge uma renovada atenção aos mais pobres e marginalizados, o que levou à abertura de comunidades junto dessas populações, permitindo aos jesuítas viver e trabalhar entre elas. Isso verificou-se de um modo especial na abertura das comunidades jesuítas de Portimão e Santo André, do Centro Social da Musgueira e, mais tarde, do trabalho começado no Monte da Caparica/Pragal, no concelho de Almada. Ainda nos anos 60, a Companhia de Jesus abriu, em Évora, um instituto de formação e investigação nas áreas da economia e sociologia (Instituto Superior Económico e Social de Évora), com o objetivo de promover a formação, a reflexão e a investigação numa região do Interior e despovoada. Dessa forma, os jesuítas passaram não só a servir os pobres, mas a viver e a trabalhar junto deles.

Hoje, continua a ser uma prioridade para os jesuítas “caminhar com os mais pobres” e “colaborar no cuidado da Casa Comum”, como salientam as Congregações Gerais 32 e 34, bem como as Preferências Apostólicas Universais para a década 2019-2029. São várias as obras - umas da Companhia de Jesus e outras de

inspiração inaciana - que se dedicam ao cuidado aos mais pobres e marginalizados: desde o trabalho com refugiados e imigrantes, com crianças e jovens, com os sem-abrigo e com os presos, estendendo-se ao trabalho de desenvolvimento das comunidades, da educação para o desenvolvimento, do cuidado da Casa Comum e atuando também no campo da reflexão.

O Setor Social da PPCJ tem como missão promover o desenvolvimento integral e integrado de pessoas e comunidades em Portugal e no Mundo, inspirado pela visão cristã e inaciana da pessoa, da natureza e do mundo. Esta Missão concretiza-se através da presença próxima, do acompanhamento, da capacitação e da defesa dos que estão em situação de vulnerabilidade; da reflexão crítica sobre os fenómenos de exclusão e desigualdade; e da sensibilização e mobilização para a ação de todos na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Pretendemos com esta publicação fazer uma breve apresentação das várias respostas sociais que a Companhia de Jesus promove em Portugal, como resposta aos desafios sociais que hoje se colocam. É também nosso interesse que este trabalho sirva para que, atentos aos *sinais dos tempos*, caminhemos com os mais pobres, promovendo uma intervenção transformadora, qualificada e coerente com os valores cristãos e inacianos.

Fernando Ribeiro, sj.

Coordenador da Comissão de Apostolado Social da
Província Portuguesa da Companhia de Jesus

CAS

1994

FUNDAÇÃO
DA CAS

C.S. MUSGUEIRA;
PARÓQUIAS N.^A S.^{RA}
AMPARO E MEXILHOEIRA
GRANDE; COLÉGIO (CAIC)

2006

GRANDE
REESTRUTURAÇÃO

PARÓQUIAS (TODAS);
LD; JRD; COLÉGIOS
(CALDINHAS); FGS

2009

C.C.
SÃO CIRILO

2015

APAP · GRUPOS
DE VOLUNTÁRIOS

2016

CENTROS
UNIVERSITÁRIOS

2017

BROTÉRIA
CASAN VELHA

Paróquias

COVILHÃ

LUMIAR

ENCARNAÇÃO

PRAGAL

MEXILHOEIRA
GRANDE

NOSSA SENHORA
DO AMPARO

CONTACTOS

Paróquia de S. Pedro

Rua de S. Tiago, 26, Covilhã / tel. 275 086 549
paroquiaspedro@jesuitas.pt
www.pontosj.pt/paroquiassaopedro-covilha/

Paróquia S. João Baptista do Lumiar

Largo S. João Baptista, Lisboa / tel. 217 590 582
paroquiadolumiar@gmail.com
www.pontosj.pt/paroquiadolumiar/

Paróquia da Encarnação

Largo do Chiado, 15, Lisboa / tel. 213 424 623
ig.encarnacao@mail.telepac.pt
www.pontosj.pt/parokiadaencarnacao/

Paróquia S. Francisco Xavier

Rua das Quintas, 7-11, Caparica / tel. 212 940 947
psfranciscoxaviercaparica@gmail.com
www.pontosj.pt/psfxavier/contactos/

Paróquia N^o Sr^a da Assunção

Mexilhoeira Grande / tel. 282 968 259
paroquia.mex.grande@gmail.com
www.pontosj.pt/paroquia-mexilhoeira-grande/

Paróquia N^o Sr^o do Amparo

Rua de N^o Sr^o do Amparo, Portimão / tel. 282 419 001
paroquiaamparoportimao@gmail.com
www.pontosj.pt/paroquiaamparoportimao/





São seis as paróquias em Portugal atualmente assumidas pela Companhia de Jesus e que estão ao encargo de um padre jesuíta. Com trabalhos sociais e pastorais muito distintos é comum às Paróquias da Covilhã, do Lumiar e da Encarnação, em Lisboa, do Pragal, em Almada, da Mexilhoeira Grande e de Nossa Senhora do Amparo, em Portimão, «receber quem aparecer», sendo estas «um sítio privilegiado para acolher os mais vulneráveis», como afirma o Padre Francisco Campos, sj., representante das Paróquias na Comissão de Apostolado Social (CAS) da Província Portuguesa da Companhia de Jesus (PPCJ). Funcionando ao modo das primeiras comunidades cristãs, as paróquias, sob a orientação de um pároco, são o lugar de reunião do grupo de fiéis de uma determinada área geográfica e procuram responder às necessidades reais do lugar onde se encontram.

Com representação na Comissão de Apostolado Social da PPCJ desde a sua fundação em 1994, é desde 2006 que as seis Paróquias se juntaram à CAS com um único representante que se manifesta em nome das Paróquias atualmente ao encargo da Companhia de Jesus.

De modo a revelar o carácter social das paróquias assumidas pela Companhia de Jesus em Portugal, é aqui apresentado o trabalho social das Paróquias de Nossa Senhora do Amparo e da Mexilhoeira Grande, localizadas em Portimão, a título de exemplo e representação das Paróquias da Covilhã, do Lumiar e da Encarnação, em Lisboa e do Pragal, em Almada. Estas últimas apresentam um trabalho social distinto e adaptado às realidades onde se inserem.

Ao longo dos últimos 50 anos, as Paróquias de Nossa Senhora do Amparo e da Mexilhoeira Grande, Portimão, têm criado respostas sociais inspiradoras, verdadeiramente enraizadas no Evangelho e capazes de se adaptar aos diferentes tempos e lugares.

É o caso do Refeitório Social da Paróquia da Nossa Senhora do Amparo que nos últimos 15 anos tem abraçado a primeira Obra de Misericórdia: alimentar quem tem fome. Aberto em 2006 pelo Padre Arsénio sj., o refeitório social procura combater a fome e a precariedade económica das comunidades mais vulneráveis da cidade de Portimão, através da preparação de refeições que são maioritariamente garantidas por doações e pela boa vontade dos cidadãos: «É raro o dia em que não vem cá alguém oferecer alguma coisa», conta o Padre Francisco Campos, sj. Com um contrato de cozinheira a meio-tempo e cerca de 15 voluntários rotativos, que garantem o funcionamento da casa, o refeitório serve entre 70 a 90 almoços diários, incluindo uma ajuda para o resto do dia e, à sexta-feira, uma contribuição para o fim-de-semana. Tendo alcançado mais de cinco mil beneficiários desde que abriu, o Refeitório Social geralmente serve os almoços em dois turnos, à exceção dos anos da pandemia de COVID-19, em que as refeições presenciais foram substituídas por *take-away*. Embora as pessoas em situação de sem-abrigo sejam as principais destinatárias, qualquer um que viva em situação de vulnerabilidade, permanente ou temporária, é convidado a entrar e a tomar uma refeição,

convite que se estende pelo tempo necessário a cada pessoa. E assim acontece: se há quem beneficie deste apoio há mais de 15 anos (estes casos são raros e limitam-se a situações de fragilidade extrema), há quem o utilize durante o par de meses necessários para recompor a sua vida.



Anabela

Anabela, de 67 anos, é voluntária do Refeitório Social há 14 anos. Nasceu e cresceu em Portimão, onde começou a trabalhar na fábrica de conservas a partir dos 13 anos. Aos 17 anos casou com Amândio e nunca parou de trabalhar. Após o trabalho na fábrica, passou por vários restaurantes, até que assentou como ama em casa de um casal então recém-chegado à cidade, onde ficou a trabalhar durante 28 anos.

Como qualquer habitante de Portimão e paroquiano de Nossa Senhora do Amparo, Anabela já conhecia o Refeitório Social que, à época, acabava de abrir. Tinha por hábito levar a sua filha à catequese do Padre Arsénio, que já a desafiara para ser voluntária da nova obra social da Paróquia. Um dia, tendo-se sentido especialmente chamada, decidiu dar o seu contributo e desde então tem contribuído para o desenrolar do refeitório e do centro de dia. «Foi uma coisa natural, comecei a pensar e um dia vim. Continuei e aqui estou, até hoje. Aqui sinto-me realizada». Como ajudante de cozinha, acaba por ser a «tapa-buracos» da casa: «Sou voluntária, o que houver para fazer eu faço, seja o que for. Agora que estou reformada, se for preciso venho o dia todo para aqui.»

Anabela é também a responsável do centro de dia da Paróquia, que abriu em 2006 a par com o refeitório social. Nas instalações contínuas ao refeitório social com capacidade para 15 pessoas, o centro de dia tem procurado aliviar a solidão de alguns idosos de Portimão, oferecendo-lhes um lugar e uma família com quem partilhar os seus dias.

CENTRO DE DIA



REFEITÓRIO SOCIAL





O Fundador

Destinado a Portimão em 1975 a pedido do Bispo do Algarve, foi desde cedo que o Padre Arsénio Castro da Silva, sj. ficou conhecido pela sua proximidade aos mais vulneráveis, em especial à comunidade cigana. Fundador da comunidade de jesuítas em Portimão, a profundidade da sua fé tornou-se clara pela imensidão e fortaleza das suas obras. Foi trabalhador da lota de Portimão e criador do Sindicato de Pescadores da cidade, pois estava certo de que era pelo exemplo que se ensinava e foi o que procurou fazer toda a vida. A construção da Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Amparo, terminada em 1976, esteve a seu encargo, missão ainda hoje lembrada pelo fruto do seu imenso trabalho e dos inúmeros apoios que chegaram de todos os lados. O seu sonho de



comunidade começou a ganhar forma durante esse período, que cedo foi marcado pela forte envolvência da comunidade local na construção da igreja. Anos mais tarde, em 2009, a Paróquia celebrou a abertura do centro social e paroquial, espaço destinado às atividades pastorais e sociais e que hoje alberga o centro de dia, o refeitório social, um pequeno albergue juvenil e a sede dos escuteiros de Portimão.

«O Padre Arsénio era o pai de todos e se o pai precisa de ajuda os filhos têm de dar a mão. É assim que funciona esta casa. O pai precisava de construir uma casa, precisava de empregados; nós como filhos, membros da mesma paróquia, viemos dar a mão.»

Eugénia, voluntária do Refeitório Social



As obras do Padre Arsénio não se limitaram a responder às necessidades primárias: «Ele pensava no todo», conta Ana Maria, voluntária e coordenadora do Refeitório Social. A educação e inclusão da comunidade cigana foi um dos esforços mais marcantes da sua vida e muitos acreditam que o facto de hoje todas as crianças da comunidade cigana participarem na comunidade escolar é fruto do seu trabalho.

O Padre Arsénio morreu a 14 de maio de 2012 e é recordado com carinho como “o pai dos ciganos e dos pobres”.

Paróquia da Mexilhoeira Grande

A cerca de 10 quilómetros da Paróquia Nossa Senhora do Amparo, encontra-se a Paróquia da Mexilhoeira Grande, que conta com a presença do Padre Jesuíta Domingos Monteiro da Costa, desde 1975.

Enviado para o Algarve três anos após a sua ordenação sacerdotal, o Padre Domingos, hoje com 81 anos, afirma que “devemos olhar para a realidade onde nos situamos a partir do Evangelho” e que aí devemos «descobrir as necessidades e fazer o que Cristo faria nesse lugar; é o que a Espiritualidade Inaciana chama de “Evangelho Incarnado” ou “Inculturação”». Foram várias as respostas sociais que, ao longo dos últimos 40 anos, foram iniciadas na Mexilhoeira Grande por iniciativa do Padre Domingos, uma das quais é reconhecida regional e nacionalmente como obra de referência social, única e absolutamente inovadora, a Aldeia São José de Alcalar.



Aquando da sua chegada à Paróquia, o Padre Domingos sj. deu-se conta da inexistência de jardim de infância na zona, o que significava que as crianças ficavam autonomamente em casa ou na rua durante o período de trabalho dos pais. Foi então inaugurado um jardim de infância em 1980, tendo sido este o primeiro infantário público do concelho de Portimão. Hoje integra a Aldeia de São José de Alcalar, uma “aldeia-lar”, fundada também pela iniciativa do Padre Domingos e construída especificamente para a população idosa.

A Aldeia São José de Alcalar, obra que veio revolucionar a forma de pensar o conceito de ‘lar de idosos’, surgiu de um apelo da realidade e de um sonho que foi ganhando forma. Foram três os aspetos principais que inquietaram este jesuíta e o motivaram à formação do novo lar. O primeiro, foi o confronto com o elevado número de suicídios por parte da população idosa e com o conformismo dos conterrâneos com o que acreditavam ser «o destino dessas vidas», como conta o Padre Domingos que afirma que «não há um futuro predeterminado e que nós é que somos os donos do



nosso destino, daí a importância da nossa liberdade». Se era «vontade de Deus» que muitas vidas acabassem com o suicídio, o Padre Domingos garante «ter trocado as voltas a Deus: incomodava-me esta imagem terrível que as pessoas tinham de Deus.» O segundo aspeto originou-se pela quantidade de famílias que tinham filhos com algum tipo de deficiência e que, por isso, viviam angustiadas quanto ao futuro dos mesmos após a morte dos pais. A terceira causa de inquietação, foi o facto de ter presenciado o constrangimento e falta de privacidade que um lar tradicional pressupõe, não só a nível individual, mas também para casais que, de um momento para o outro, perdem a intimidade de uma vida inteira.

“Final tem de haver outro modelo de lar de idosos, para que estas pessoas se sintam bem.”

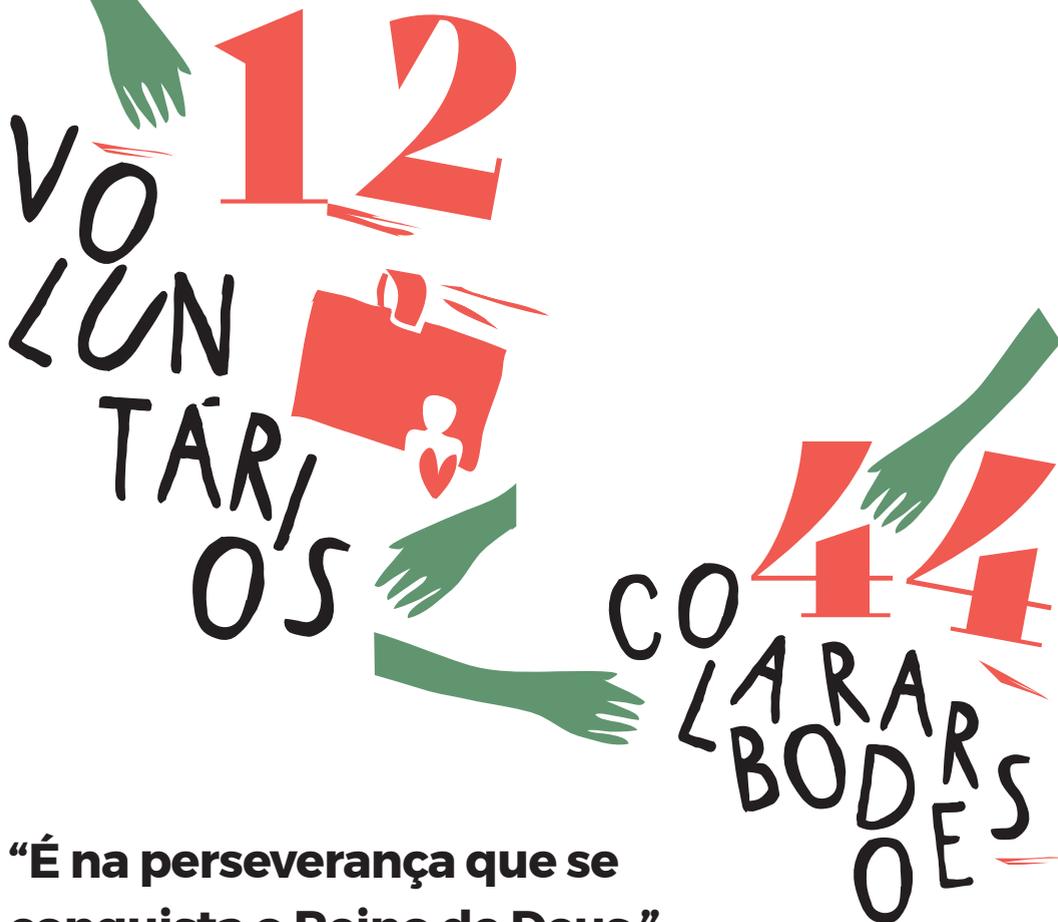
Padre Domingos Monteiro da Costa, sj.

O sonho era claro: criar um lugar para os idosos mais carenciados da Mexilhoeira Grande de forma a poderem ter um fim de vida digno e adaptado às suas circunstâncias e necessidades. Um lugar à semelhança de uma aldeia, a forma de vida conhecida pela população local; um lugar comum, com espaços partilhados e jardins para que quem toda a vida trabalhou na agricultura pudesse tomar conta de uma horta ou ter o seu canteiro. Um lugar que proporcionasse o encontro comunitário e com os apoios necessários, essencial para quem tendencialmente vive isolado. Mas um lugar que, simultaneamente, permitisse a privacidade a que toda a vida cada família esteve acostumada.

Iniciado em 1980, o projeto da Aldeia foi desafiante e a sua construção durou mais de uma década. Tendo garantido o apoio



do arquiteto da Câmara Municipal de Portimão, Martim Garcia, que dirigiu o projeto, conseguiu-se a cedência de um terreno para a criação da Aldeia. As ajudas, os projetos e o desenvolvimento da Aldeia apareceram com o tempo e, em grande medida, com a boa vontade dos muitos envolvidos. Contando sempre com os mesmos construtores e com voluntários que apareciam das aldeias vizinhas para ajudar à construção, a Aldeia foi erigida no espaço de 11 anos por administração direta, isto é, era construída à medida que havia recursos disponíveis. «Foi uma maravilha! Fomos abrindo as casinhas aos poucos e os colaboradores também vieram aos poucos.», revela o Padre Domingos. Inaugurada em 1989, as «casinhas» da Aldeia começaram a ser habitadas três anos mais tarde, sendo a construção apenas finalizada a 1 de Maio de 2000.



“É na perseverança que se conquista o Reino de Deus.”

Padre Domingos Monteiro da Costa, sj.

Dispostas circularmente, as casas estão viradas para o centro, facilitando a comunicação entre os habitantes. Os mais dependentes contam com o apoio das funcionárias, seja em questões de alimentação, de higiene ou de mobilidade. Existe um refeitório comum, onde cada residente pode tomar as suas refeições ou, se preferir, levantar as refeições e tomá-las em sua casa, ficando ao critério dos mais autónomos ir às compras e cozinhar nas suas instalações, ou usufruírem dos serviços da Aldeia. Também a entrada, saída e circulação dos residentes é absolutamente livre e



a liberdade é sua para a usarem como entenderem, razão pela qual não há muros nem portões neste lugar. Não os tem porque não pretende ser um espaço fechado, mas uma “aldeia-lar” aberta, onde a comunidade exterior é convidada a entrar, a partilhar da vida de São José de Alcalar e esta a sair e relacionar-se com a comunidade alargada. A igreja, construída no centro da Aldeia de São José, onde semanalmente se celebra a Eucaristia, responde ao apelo de fazer deste um lugar aberto ao mundo, tendo a fé no centro da sua vida diária.





115 RESIDENTES

Com capacidade para 130 pessoas, atualmente a Aldeia São José de Alcalar conta com 115 residentes. A lista de espera é longa e os critérios de entrada específicos, como: os que mais precisam, os que não têm família, ser da freguesia da Mexilhoeira Grande ou ter filhos deficientes.



APAP

ASSOCIAÇÃO PADRE
AMADEU PINTO

CONTACTOS

RUA DO LAGO, 1,
R/CH, CAPARICA

GERAL@APAPSJ.ORG
WWW.CJCPAP.ORG



apap

ASSOCIAÇÃO
PADRE AMADEU
PINTO ©

FAZER O BEM, BEM FEITO.



“Fazer o bem, bem feito”

Lema oficial da APAP

A Associação Padre Amadeu Pinto (APAP) foi oficialmente fundada em 2010, logo após a morte do padre jesuíta e ex-provincial da Província Portuguesa da Companhia de Jesus, que acabou por ser homenageado com a atribuição do seu nome à obra social que nascia. Anos antes, em 1999, inaugurava-se a primeira comunidade de inserção de jesuítas na Paróquia de São Francisco de Xavier da Caparica, localizada na atual Freguesia Caparica-Pragal que, a partir de 2005 contou com a presença do Padre Amadeu Pinto sj. Instalados numa casa em frente à Paróquia, no seio do Bairro

do Pragal, conta o Padre Gonçalo Machado, sj., diretor da APAP até 2021 e representante da obra na CAS, que os padres jesuítas lecionavam nas escolas daquela área da margem sul de Lisboa e que cedo se deram conta do desafio educativo, «dada a irreverência própria dos jovens daquele contexto. Começaram então a dar apoio aos miúdos nas explicações, no apoio ao estudo nas salas de aula da Catequese e durante o fim-de-semana desenvolviam atividades lúdicas». Assim foi nascendo o então Centro Juvenil e Comunitário que em 2018 se constitui como Associação, tendo obtido o estatuto de ONGD (Organização Não-Governamental para o Desenvolvimento). É uma instituição privada, de utilidade pública, que atua na área de prevenção da delinqncia e do insucesso escolar de crianças e jovens dos bairros do Pragal e Monte da Caparica em Almada.

Com uma população de 15 a 20 mil pessoas, o que até meados do século XX era uma zona estritamente rural começou a ser lugar de realojamento de diferentes populações e de habitação para novos operários e migrantes: portugueses vindos de diversas zonas de Portugal, como Trs-os-Montes, Alentejo e áreas piscatórias do litoral; população realojada, fruto do desmantelamento de barracas do bairro do Casal Ventoso em Lisboa; comunidades ciganas; portugueses retornados de África e migrantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. Se, por um lado, este cruzamento de culturas e etnias fez do Bairro do Pragal “uma comunidade extremamente rica”, por outro, a sua construção e crescimento assentou sempre em bases muito frágeis, de elevada pobreza e vulnerabilidade social.

«Um grande dormitório periférico da capital de Lisboa, que garante uma força de produção em Lisboa e em Almada.»

Padre Gonçalo Machado, sj.

Hoje, o agregado populacional do Bairro caracteriza-se, maioritariamente, pela baixa escolaridade e baixos rendimentos, dependência de subsídios, violência doméstica, dificuldades na educação dos filhos e elevado tráfico de armas e drogas, traços que fazem esta área ser considerada pelo Ministério da Educação uma zona TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária).

Conscientes destas imensas fragilidades numa área marcada também pela elevada natalidade, os Jesuítas foram naturalmente movidos pelo seu ímpeto missionário que procura “ir às periferias” e em tudo “caminhar junto aos pobres, aos descartados do mundo, os violados na sua dignidade numa missão de reconciliação e justiça” (2ª Preferência Apostólica da PPCJ, 2019-2029). Dados os primeiros passos com as explicações e o apoio ao estudo, utilizando as salas da Paróquia, logo foi conseguido um espaço, onde é hoje a APAP, permitindo que ao longo dos anos se fosse alargando o campo de trabalho e ajuda social. Inicialmente destinado ao apoio escolar de alunos do 1º ciclo do ensino básico, hoje a APAP acolhe cerca de 100 crianças e jovens por semana, dos 6 aos 18 anos, agindo em três componentes base: a educação, o desporto e a vertente lúdica.





Como obra jesuíta, a APAP revê-se como parte integrante e fundamental da vida dos jovens e como resposta a uma enorme lacuna na vida de muitas crianças destes bairros, que vai além de necessidades escolares: «têm uma família, uma escola e, depois, um vazio no tempo que é geralmente ocupado pelas ruas, pelos cafés. Com a inexistência de uma resposta a este vazio, nós tentamos ser o terceiro pilar: não somos um ATL nem um centro de explicações, mas pretende-se que sejamos um complemento à família, quase como se de uma se tratasse. Somos um reforço à aprendizagem e à educação», afirma o então diretor da Associação.

A APAP trabalha em rede, de forma multidisciplinar e com um acompanhamento de longa duração, de forma a ter um impacto real, direto e consistente na vida de cada jovem que, idealmente, integra a Associação aos seis anos e conclui quando acaba o ensino secundário. Ao longo dos últimos anos, a APAP tanto tem acompanhado jovens que revelam ter um alto sucesso escolar – estudos universitários e inserção no mercado de trabalho –, como



também acompanha jovens que tendencialmente abandonam a escola. Neste sentido, a Associação Padre Amadeu Pinto tem desenvolvido oficinas de capacitação nas áreas da carpintaria, mecânica, e eletricidade, que pretendem não só dotar os jovens de competências e conhecimentos técnicos, fundamentais à autoestima e desenvolvimento humano, como ajudá-los a criar a sua independência e autonomia ao facilitar a sua inserção no mercado de trabalho. Em paralelo, a Associação tem apostado em áreas como a robótica, através de uma parceria com a empresa israelita Young Engineers; a língua inglesa, desenvolvida com a BBC; e a matemática, através de apoios da Altice.



«Temos um programa educativo grande e que procura ter impacto para transformar ciclos que muitas vezes são viciosos em círculos virtuosos.»

Padre Gonçalo Machado, sj.

A iliteracia alimentar das famílias e crianças tem sido uma das questões mais urgentes identificadas pela APAP, que tem vindo a criar protocolos com o Hospital Egas Moniz e o Hospital Garcia de Horta, de forma a educar os alunos para uma alimentação saudável. «Muitas vezes não tomam o pequeno-almoço e, depois, quando têm dinheiro, comem coisas erradas» (Padre Gonçalo). Na área da família, a APAP tem trabalhado com a Associação Terra dos Sonhos, de forma a colmatar os problemas de comunicação com os pais: «são crianças que vivem enormes resistências emocionais, tanto eles como os pais e é preciso desbloquear canais de comunicação com os pais, para que cresçam saudáveis».



«A APAP é como um comboio com várias carruagens e que assenta em duas linhas: o MAGIS e a Cura Personalis. O MAGIS aplicamos na qualidade com que fazemos tudo, para que seja um trabalho diferenciador: estética, cuidado e qualidade das atividades. Procuramos sempre dar o melhor. A Cura Personalis: cada miúdo é uma pessoa e, nesse sentido, procuramos uma relação personalizada e formamos a equipa nesse sentido: ter muita atenção a cada uma das crianças e adolescentes. É um trabalho de proximidade.»

Padre Gonçalo Machado, sj.

Foi no Centro Juvenil Padre Amadeu Pinto que nasceram as explicações de quarta-feira com os alunos do Colégio São João de Brito, que inicialmente se dirigiam ao Pragal uma vez por semana para dar apoio ao estudo «àqueles que poderiam ser seus colegas». Por volta de 2015 decidiu-se inverter o esquema habitual e passaram a ser os pragalenses a ir receber explicações ao Colégio dos Jesuítas situado no Lumiar, em Lisboa (ver capítulo “Colégios”). Além do acompanhamento escolar, desde o início que esta comunidade de jesuítas procurou criar respostas para as pausas letivas, o que originou a colónia de férias do Pragal e os Campos de Férias Gambozinos (ver capítulo “Grupos de Voluntariado”), que juntam jovens de Braga, Pragal e Peniche com jovens ligados aos colégios dos jesuítas em Lisboa e no Porto.



7000

BENEFICIÁRIOS

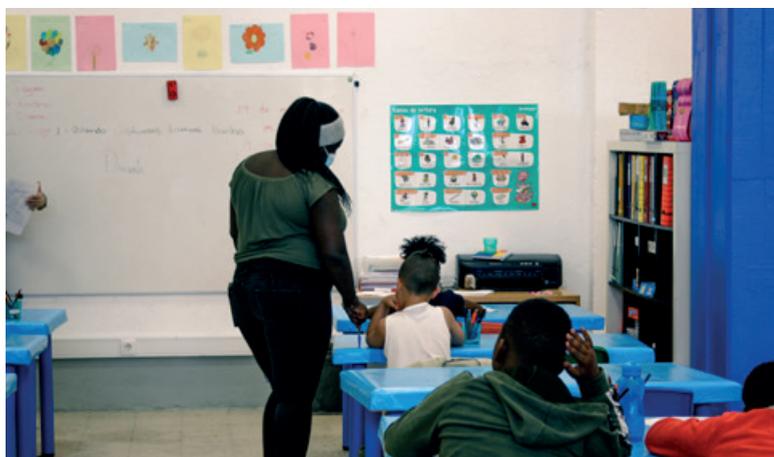
INDIRETOS

SEMANA POR NA

Vivendo essencialmente de parcerias, benfeitores, donativos e voluntariado, a APAP não tem acordos com a Segurança Social e optou por não se candidatar a financiamentos públicos que exigem uma estrutura extremamente burocratizada e indicadores de avaliação com que não se identifica: «não nos medimos por indicadores que vêm de cima - de Bruxelas, por exemplo -, mas procuramos ouvir as crianças, perceber o que elas precisam e adaptar com rapidez e eficiência às suas necessidades», clarifica o então Diretor da APAP. Este modo tem-se comprovado verdadeiramente eficaz, proporcionando uma enorme agilidade e resultados muito elevados. Veja-se, por exemplo, casos como o de uma rapariga que entrou no Centro Juvenil aos 6 anos e hoje frequenta o 1º ano da Licenciatura de Direito na Universidade Lusófona, com o apoio de bolsas; ou o de um rapaz, ex-membro do centro que participou nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, na modalidade de Judo. De considerável importância, é o facto de que, ultimamente, «a partir dos 14 anos, os miúdos que começaram connosco já começam a ser voluntários [na Associação]. É extraordinário, os miúdos aprendem a dimensão do serviço e isto é transformador. Vão assumindo este papel e bebendo desta experiência e assim vão modelando a sua própria vida com o que vão aprendendo aqui no centro.»



Como obra social, a Associação Padre Amadeu Pinto passou a pertencer à Comissão de Apostolado Social (CAS) da Província Portuguesa da Companhia de Jesus em 2015. Como Diretor da APAP e representante da obra na CAS, o Padre Gonçalo Machado, sj., afirma que «a força da CAS é unir-nos, pôr-nos a trabalhar em conjunto, a partilhar, dar visibilidade e sentido àquilo que os Jesuítas fazem em Portugal. É ajudar-nos a pensar em conjunto, a ter um rumo e a percebermos qual é o sonho de Deus para os Jesuítas em Portugal.»



FGS

FUNDAÇÃO
GONÇALO
DA SILVEIRA

CONTACTOS

ESTRADA DA TORRE, 26,
LISBOA
TEL. 217541627,

GERAL@FGS.ORG.PT
WWW.FGS.ORG.PT/PT



FGS



TRANSFORMAÇÃO
E JUSTIÇA SOCIAL



Foi a 1 de Abril de 2004 que a Província Portuguesa da Companhia de Jesus fundou a Organização Não Governamental para o Desenvolvimento (ONGD) Fundação Gonçalo da Silveira (FGS). Inicialmente destinada a apoiar as missões dos jesuítas portugueses que estivessem em Angola, Moçambique e Timor-Leste, no decorrer dos anos a FGS foi adaptando os âmbito e área da sua atuação. Atualmente esta ação concretiza-se maioritariamente a nível nacional, contando também com projetos em Moçambique. Visitando a história dos Jesuítas, aquando da fundação da ONGD, compreendeu-se que não havia qualquer referência na Companhia que honrasse o papel missionário de Gonçalo da Silveira. Jesuíta português do século XVI, contemporâneo de Inácio de Loiola e de Francisco Xavier, Gonçalo da Silveira dedicou a sua vida à missão e evangelização, acabando por morrer mártir no Reino de Monomotapa, hoje o Norte de Moçambique.

Convicta de que o mundo precisa de transformação e de equilíbrio, a FGS tem como visão um mundo mais justo e humano, onde todos possam viver dignamente, em liberdade e equidade, harmonia e respeito pela Natureza. Neste sentido, a organização desenvolve projetos nas áreas da Cidadania Global, Desenvolvimento, Ecologia Integral e Direito à Educação de Qualidade. Pontualmente, colabora em iniciativas de Emergência Humanitária através das redes internacionais com as quais colabora. Com a missão de combater as desigualdades e as injustiças sociais, a FGS trabalha em e com escolas e comunidades educativas, Organizações da Sociedade Civil, Instituições do Ensino Superior, comunidades locais e Instituições Governamentais. Com estas, a organização procura construir uma Cidadania Global que promova o bem comum e que contribua para a mudança de situações geradoras de pobreza a nível local e global. Procurando ter uma reflexão crítica no mundo que a rodeia, aprofundando e disseminando conhecimentos e práticas na área da Transformação e Justiça Social, o trabalho da FGS é desenvolvido em prol duma participação sociopolítica que promova o bem-estar das comunidades e desconstrua narrativas geradoras de injustiça social.



“Ser e agir com quem a rodeia, a acompanha e a inspira, respondendo de forma colaborativa e com sentido de urgência aos desafios que colocam em causa o bem comum, a justiça social e a harmonia na relação com a Natureza”

Modo de proceder da FGS

Teresa Paiva Couceiro, Diretora Executiva da Fundação Gonçalo da Silveira há mais de 16 anos e representante desta obra na CAS, destaca dois marcos importantes da Organização. O primeiro, quando recentemente foi elaborado o Plano Estratégico para 2021-2025, onde foi decidido «por uma questão de coerência de discurso, trabalho e narrativa», substituir o departamento de Cooperação e Educação para o Desenvolvimento pelo Departamento de Educação para a Cidadania Global e Desenvolvimento. «Isto permite-nos assumir uma narrativa mais próxima do que, para nós, significa Educação para o Desenvolvimento (ED): trazer as pessoas para a discussão; tomarmos consciência de que, enquanto pessoas, somos causa do problema, mas que, eticamente, devemos ser parte da resposta.» O segundo marco, o crescimento progressivo da equipa, que deixou de ser composta por dois ou três colaboradores - realidade que durou um longo período -, para passar a ter nove membros, entre colaboradores e voluntários comprometidos.

No seu modo de funcionar, a FGS privilegia as relações de interdependência. Deste modo, todo o trabalho é cooperativo e feito em parceria: «Não estamos sozinhos em nada, fazemos tudo em colaboração. Procuramos respostas comunitárias, não individuais e isto para nós é fundamental porque nos preocupamos com o processo, mais do que com o fim.»

«Queremos encarar e olhar a escola enquanto espaço de transformação social.»

Teresa Paiva Couceiro

Através da educação, a FGS pretende trabalhar «em processos de transformação social e educação para a cidadania», procurando «envolver as pessoas na concretização de respostas individuais e coletivas.» Fazem-no através de uma lógica de “Ecologia Integral” - expressão trazida ao centro da discussão pelo Papa Francisco na sua encíclica de 2015, *Laudato Si'* -, ou seja, a busca de uma abordagem holística para a resolução dos problemas. «Procuramos uma resposta integrada - na sociedade no momento em que estamos - e integral, no sentido em que olhamos para a pessoa enquanto ser social, económico e espiritual.»

Exemplo disto é o Projeto Sinergias ED, que conta já com quatro edições. Com o objetivo de reforçar a capacidade da intervenção em Educação para o Desenvolvimento em Portugal, centrada em mudanças sociais, o Projeto centra-se em «aprofundar a qualidade das relações e das aprendizagens» entre quem investiga e quem atua na área da Educação para o Desenvolvimento, assim como refletir, construir e divulgar conhecimento no âmbito da ED.

O longo caminho realizado pelo projeto revelou a necessidade de se criarem espaços de encontro, de pensamento crítico e



transformação pessoal, onde quem se debruça diariamente sobre as temáticas da ED e da Educação para a Cidadania Global (ECG) se pudesse juntar para partilhar aprendizagens e experiências. Assim nasceram as Escolas Comunitárias, uma proposta inserida no Projeto Sinergias ED. O propósito é que cada um possa levar «à reflexão e ao debate questões que a eles lhes façam sentido, procurando assim dar respostas a problemas sociais», esclarece Teresa Paiva Couceiro.

No âmbito das Escolas, entre outros projetos, a FGS desenvolveu o projeto *EDxperimental – Laboratórios de cidadania global e desenvolvimento em meio escolar*. Em parceria com a Casa Velha (ver capítulo “Associação Casa Velha Ecologia e Espiritualidade”), o projeto tinha como objetivo alargar e reforçar processos e práticas de Educação para o Desenvolvimento e de Educação para a Cidadania Global (ED/ECG) dentro das escolas. A partir de espaços dedicados à reflexão e ação em ED/ECG, o projeto centrava-se em estimular a relação entre as Escolas envolvidas e Organizações da Sociedade Civil (OSC).



VO
LUN
TÁRI
OS



3

PR
OR



13

JET
OS

101.113



BENE
FECIÁ
RIOS

ANO

Mantendo a sua ligação com Moçambique, em parceria com outras organizações, a FGS desenvolveu o Projeto *Somos Moçambique II*, que surgiu no seguimento do Ciclone Idai e que atingiu a Província de Sofala e a Cidade da Beira. Atuando na área educativa, o projeto procurava fortalecer a resiliência de professores, alunos e de toda a comunidade educativa.

A FGS entrou para Comissão de Apostolado Social (CAS) da PPCJ em 2006, ano da grande reestruturação da Comissão. Apesar da ação desta ONGD não ser evidentemente social, é próprio do carisma inaciano ver na Educação uma ação profundamente transformadora de sociedades e, nesse sentido, evidentemente social. A Fundação Gonçalo da Silveira preocupa-se em promover a reflexão, para lá da ação, dentro do corpo que é a CAS, estando no centro da discussão, «lá fora», onde estão todas as organizações da sociedade civil para lá das portas da Igreja Católica e «lá fora» onde está a restante Humanidade. Neste lugar que ocupa, a FGS torna-se um motor da própria Companhia de Jesus, «levando-a para o Mundo e trazendo o Mundo para dentro», como sugere Teresa Paiva Couceiro. Como é próprio da Espiritualidade que a inspira, reconhece o Mundo como um lugar ferido, mas onde a esperança habita e se torna visível nos imensos atos de bondade das pessoas, impelindo a FGS a trabalhar com a realidade concreta dos desafios atuais.



«A Fundação Gonçalo da Silveira faz parte do sonho de Santo Inácio. Não concretizamos o sonho, mas fazemos parte dele. Somos pessoas conscientes do mundo onde estamos e queremos atuar nele; temos uma visão – queremos um mundo melhor, mais justo, mais equitativo, onde as pessoas vivam em maior harmonia com a Natureza –, mas temos consciência que onde temos de atuar é aqui e agora, com as pessoas e os meios que temos à nossa volta. E procuramos usar os meios e recursos que temos tanto quanto nos ajudam a melhor responder a este Mundo ferido.»

Teresa Paiva Couceiro

JRS PORTUGAL

SERVIÇO JESUÍTA
AOS REFUGIADOS

CONTACTOS

R. RUA ROGÉRIO
DE MOURA, LOTE 59,
LISBOA
TEL. 217 552 790

JRS@JRSPORTUGAL.PT /
WWW.JRSPORTUGAL.PT





**“Temos uma tremenda
responsabilidade de adaptar
a nossa espiritualidade às
verdadeiras necessidades
de hoje.”**

Padre Pedro Arrupe, sj.

Fundado em 1980, o JRS (*Jesuit Refugee Service* em inglês, Serviço Jesuíta aos Refugiados) surgiu de um apelo que o Padre Pedro Arrupe, sj., então Superior Geral da Companhia de Jesus, fez aos seus companheiros jesuitas, no desejo de responder à crise das *Boat People* provocada pela Guerra do Vietname. Na sequência

do seu fim, em 1975, inúmeros vietnamitas viram-se obrigados a fugir das suas casas, atravessando o mar da China Meridional em barcos sobrelotados, onde muitos acabavam por morrer. Incapaz de ficar indiferente à realidade que o envolvia, o então Geral da Companhia de Jesus compreendeu que era missão dos Jesuítas responder a tamanha crise humanitária, apelando aos seus companheiros que trouxessem “pelo menos algum alívio a uma situação tão trágica” (página de apresentação do JRS Europe). À medida que outros conflitos eclodiam noutros lugares do mundo, o JRS cresceu. A missão de ajudar vietnamitas num determinado período do tempo foi-se transformando num trabalho com refugiados em todo o mundo desde há mais de 40 anos. Hoje, este serviço dos Jesuítas está em mais de 50 países.

«A missão do JRS é a mesma em todo o mundo: acompanhar, servir e defender os migrantes, refugiados e deslocados e, de entre estes, os mais vulneráveis.»

André Costa Jorge

Em Portugal, o JRS nasceu em 1992, após mais de dez anos do apelo do Padre Arrupe. À época, o elevado número de deslocados internos em Angola, fruto da Guerra Civil, levou a organização a concentrar o seu trabalho na formação de voluntários que enviava para Angola. No final dos anos 90, eram sobretudo três as grandes origens de imigração em Portugal a que o JRS procurou dar resposta. Em primeiro lugar, o tradicional fluxo migratório dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, seguido da população oriunda do Brasil e, por fim, povos provenientes do Leste Europeu, na sequência da queda do muro de Berlim em 1989.

Se no início do JRS Portugal a realidade impunha-se sobretudo para o apoio a migrantes, mais do que a refugiados, hoje, passados 30 anos, a organização foi capaz de alargar o público beneficiado e expandir os serviços disponibilizados. Tudo começou no que é hoje a sede do JRS, na Alta de Lisboa, onde habitualmente os migrantes vão para regularizar a sua situação documental. Aí, refugiados e migrantes podem tratar das necessidades de primeira linha, isto é, apoio social, jurídico e psicológico. Deste primeiro serviço surgiram muitos outros que rapidamente o JRS percebeu serem indispensáveis para prestar um apoio continuado e integral a pessoas que vêm de situações altamente vulneráveis.





Números de 2020

Neste sentido, o trabalho do JRS com cada migrante ou refugiado começa no momento do primeiro contacto e vai tão longe quanto necessário. Da ajuda com a regularização de documentos e acolhimento, o apoio pode desenrolar-se para formação, integração social ou ajuda na procura de emprego. Conhecendo a complexidade da vida de um imigrante ou refugiado, e de como as áreas basilares das suas vidas ficam afetadas, o JRS assume como missão servir em profundidade cada pessoa nas suas mais diversas necessidades.

Ao longo dos últimos anos o JRS tem igualmente procurado desenvolver projetos de educação e de sensibilização, junto dos cidadãos, da sociedade civil e das instâncias políticas, compreendendo que o trabalho em defesa dos refugiados vai muito além dos apoios efetivos. É necessário trabalhar na mudança de mentalidades sociais, com profundidade e constância, e na erradicação de mitos e estereótipos, para que a vida daqueles que sofrem por causa da guerra e da perseguição possa ser acolhida, reestruturada e dignificada.



A colaboração com o Estado Português tem sido regular na ação da organização e exemplo disso é a presença permanente que o JRS foi convidado a ter, a par com a Organização Internacional para as Migrações (OIM) e os Médicos do Mundo, na Unidade Habitacional de Santo António, um Centro de Instalação Temporária no Porto (também conhecido como centro de detenção de migrantes), criado em 2007 pelo Estado Português.



PESSOAS
ATENDIDAS
ACOLHIDAS

2912

André Costa Jorge, Diretor do JRS Portugal e representante desta obra na Comissão de Apostolado Social (CAS) da PPCJ conta como «a nossa presença num centro de detenção foi alvo de algum debate e reflexão, dentro da JRS Portugal e Europa, justamente para perceber qual seria o nosso âmbito de trabalho», já que aquilo que «o JRS tem vindo a advogar na Europa e no mundo são vias alternativas à detenção [administrativa] dos migrantes». Como serviço para os refugiados, o JRS entende que quando um Estado prende um migrante ou um refugiado, devido à sua falta de documentação, está a privá-lo dos seus direitos fundamentais e, dessa forma, a sua proteção por parte das organizações da sociedade civil complica-se. Deste modo, a presença permanente do JRS no centro de detenção foca-se em dar apoio social e jurídico e, essencialmente, contribuir para a redução da ansiedade e stress vivido pelos migrantes durante o período de tempo em que ali se encontram.

Um ano antes, em 2006, foi criado «aquilo que nós queríamos fazer há muito tempo e que é o tipo de serviço no qual nos sentimos confortáveis e que corresponde muito à inspiração do Padre Arrupe». O Centro Pedro Arrupe (CPA), na Alta de Lisboa, é um centro de acolhimento temporário para migrantes em situação de alta vulnerabilidade social, psicológica e humana. É um centro a que muitos chamam casa. Hoje, com capacidade para 25 pessoas, o Centro surgiu da experiência do acompanhamento de migrantes que o JRS Portugal tem feito nas últimas décadas e da compreensão de que muitos deles caíam em graves situações de sem-abrigo.

Com uma estadia média de oito meses por migrante, este lugar de passagem não pretende ser o destino final, mas «um oásis na travessia», como afirma Rita Sommer, coordenadora do CPA. Esta casa junta pessoas de várias origens, línguas e etnias; pessoas de culturas e personalidades diferentes que partilham um espaço comum. Desta forma, segue o rumo da Igreja Católica, que procura fazer dos pobres a sua opção preferencial, e da Companhia de Jesus, que fez do “caminhar juntos aos pobres e os descartados do mundo” a sua segunda Preferência Apostólica para a década de 2019-2029.





Consciente da fragilidade dos que ali chegam, a equipa do Centro reconhece que, sobretudo no início, muitos dos migrantes precisam de parar e ser ouvidos, mais do que encontrar soluções imediatas. Inspirado pela longa herança da espiritualidade inaciana, o CPA procura olhar a cada pessoa na sua singularidade, cuidando das necessidades específicas de cada um, conforme os ritmos pessoais. Como a própria equipa afirma, o CPA «não é um centro de dia», descartando a ideia de que os residentes passem o dia no centro (com exceção dos doentes que precisam de cuidados), sobretudo se são jovens e em idade ativa. Estes são motivados a procurar emprego e, dentro do CPA, pôr as suas capacidades a render colaborando no funcionamento do centro, como voluntários. O CPA é um lugar para recuperar forças e um lugar que procura orientar essas forças para a construção da vida de cada um; propõe uma vida comunitária que leva ao reconhecimento

das capacidades de cada um e é um lugar que pede que essas mesmas capacidades sejam trabalhadas, desenvolvidas e postas ao serviço, dentro e fora do centro.

Como obra da Companhia de Jesus, o JRS Portugal integrou a Comissão de Apostolado Social (CAS) em 2006 onde é membro deste corpo em missão que procura «ser a voz dos que não têm voz», como afirma o atual diretor do JRS, André Costa Jorge.



Mamadu e Itrícia

Recentemente chegou ao centro um pai com uma filha. Mamadu e Itrícia, de um ano, são originais da Guiné-Bissau e foi de lá que partiram em busca de melhores cuidados médicos para Itrícia, que nasceu com um tumor na boca.

Nascido e criado na cidade de Bissau, a mãe de Mamadu não queria que, à semelhança de muitos rapazes da cidade, o seu filho passasse muito tempo na rua, já que as aulas, que começavam às oito horas da manhã, terminavam às onze, deixando o resto do tempo livre e não planeado. Foi então que, aos dez anos, Mamadu procurou quem o ensinasse a coser e, tendo encontrado um costureiro na cidade disposto a fazê-lo, começou a dedicar-se ao fabrico de roupa. «Faço de tudo. Sou capaz de olhar para qualquer pessoa e saber exatamente os seus tamanhos.»

Na Guiné-Bissau, os médicos não tinham esperança para o tratamento e recuperação de Itrícia e foi um médico italiano, residente em Bissau e amigo de Mamadu, que o aconselhou a vir para Portugal e pedir ajuda médica. Assim foi. Depois de vendidos todos os seus materiais de costura, de forma a poder comprar a passagem para Portugal, Mamadu e Itrícia chegaram a Portugal em fevereiro de 2021, onde se instalaram num centro na Amadora. Itrícia foi rapidamente tratada com sucesso no Hospital D. Estefânia de onde, passados quatro meses, foram reencaminhados para o CPA por este ser considerado um lugar mais adequado para crianças. Durante esses meses, Mamadu aproveitou para fazer alguns cursos de costura: «na Guiné era tudo muito prático e agora estava a precisar de mais teoria». Durante o tempo de recuperação da Itrícia, Mamadu afirma que a sua filha é agora a prioridade total.



CSM

CENTRO SOCIAL
DA MUSGUEIRA

CONTACTOS

R. MARIA MARGARIDA 6,
1750-186 LISBOA,
TEL. 217 591 775

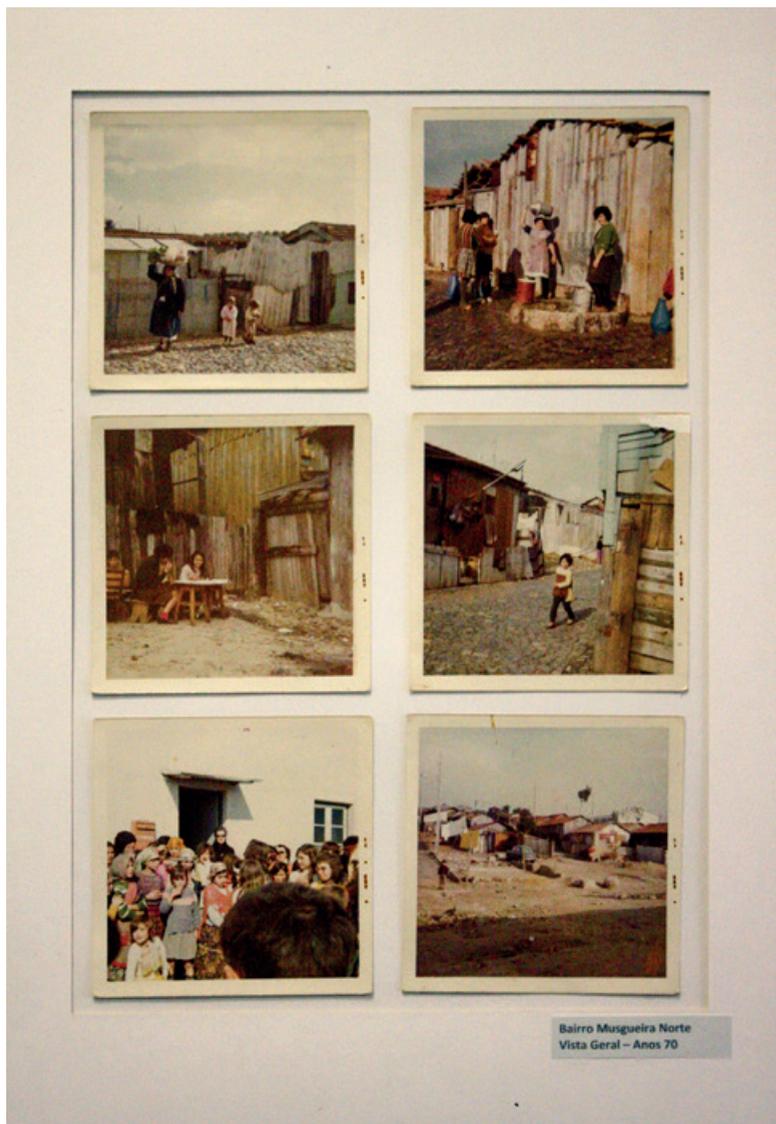
GERAL@CSMUSGUEIRA.PT





Nos anos 60 do século XX que o Estado Português decidiu avançar com a construção da Ponte 25 de Abril, que hoje liga Lisboa à margem sul do Rio Tejo. A construção da Ponte, cujos pilares assentam na zona da Avenida de Ceuta, no Alvito, teve como consequência o desalojamento dos habitantes dessa área e a sua recolocação por parte da Câmara Municipal de Lisboa. Esta necessidade urbanística foi o que gerou o primeiro fluxo populacional que acabou por dar origem ao Bairro da Musgueira Norte, uma «mancha de barracas» na Lisboa dos anos 70, como conta Ana Barata, Diretora do CSM e representante da obra na CAS. A esta população realojada juntou-se o grande fluxo migratório da década de 60, proveniente sobretudo da Beira Baixa e Beira Alta no interior de Portugal, uma população que vinha para o litoral à procura de melhores condições de vida. Juntou-se ainda uma população que sofrera as consequências de catástrofes naturais como aluimentos de terra, incêndios e as cheias da Ribeira de Odivelas.

As condições - e as promessas - eram as mesmas para todos. Numa carrinha de caixa aberta, a Câmara Municipal levava as pessoas com os seus pertences, entregava-lhes um talhão de terreno onde cada família deveria construir a sua casa com os materiais oferecidos, ou instalar-se em casas pré-fabricadas. A promessa: que aquela seria uma situação temporária e que muito em breve seriam dignamente realojados. Foram precisos 40 anos para que a promessa fosse cumprida.



A poucos metros do Bairro da Musgueira, que começava a nascer, situava-se o Colégio São João de Brito, onde o Padre José Manuel Rocha e Melo, sj. era subdiretor. Assistindo ao nascimento deste bairro, e às enormes situações de pobreza e precariedade a que estava sujeito, o Padre Rocha e Melo começou a frequentar o bairro e a dar assistência às necessidades dos seus habitantes, mobilizando alunos do colégio, assim como os seus conhecimentos e influências para criar infraestruturas e, dessa forma, desenvolver a recém-formada urbanização. Foi assim que, em 1963, surgiu o Centro Social da Musgueira (CSM), no coração do Bairro da Musgueira Norte.

«A Musgueira era um bairro caracterizado por elevados níveis de pobreza e de fome; por população com baixas habilitações, precariedade laboral, famílias numerosas e com necessidades de todo o tipo. Não havia quaisquer infraestruturas. No fundo, tinha-se criado ali um caldo para ser o problema da cidade.»

Ana Barata

A primeira grande necessidade reconhecida pelo Padre Rocha e Melo – fundador do CSM e, ainda hoje, figura de referência no bairro – foi a de retirar as crianças da rua, dar-lhes uma ocupação e uma sala onde pudessem fazer os trabalhos de casa: «as barracas eram exíguas, com uma densidade populacional muito grande e, portanto, as crianças não tinham sequer uma cadeira e uma secretária onde pudessem estudar», conta Ana Barata, atual Diretora-Geral do CSM e representante da obra na CAS. Foram construídas as salas de estudo, a primeira valência do Centro Social, e as suas primeiras instalações, onde, durante os primeiros anos, o Centro chegou a ter 600 crianças em ATL. Anos mais tarde, estas salas precárias deram lugar a edifícios, construídos com a ajuda da população local, já que muitos deles eram pedreiros e carpinteiros. «Os moradores do bairro envolveram-se na construção de instalações para a própria comunidade e é por isso que o Centro é uma missão de muitos. É trabalho de muita gente e sempre com o contributo que cada um dos moradores pôde dar em cada momento.»

As restantes respostas do Centro foram surgindo à medida das necessidades. Nos anos 70 criou-se um jardim de infância que poucos anos mais tarde foi cedido à Santa Casa da Misericórdia. Ainda assim, em 1985 o CSM voltou a abrir um outro jardim de infância pois, apesar do bom funcionamento daquele que fora cedido à Santa Casa, «era manifestamente insuficiente para a quantidade de crianças que o bairro tinha», assegura a diretora do centro. Com o mesmo cuidado e atenção à realidade envolvente e de procura de soluções para aquilo que é tendencialmente negligenciado, criou-se o centro de dia e o serviço de apoio domiciliário, ainda hoje ativos. À época, em que as barracas eram as instalações habituais das famílias, o sentido de vizinhança era forte: dormia-se de porta aberta e qualquer barulho raro e excessivo chamava logo a atenção e a presença dos vizinhos. Contudo, o número de idosos sozinhos crescia e era necessário criar uma estrutura que os acompanhasse e onde pudessem colmatar a solidão. Da mesma forma, o apoio domiciliário pretendia chegar aos doentes e acamados que, pelas suas condições de elevada fragilidade, não podiam sair das suas casas. Estas respostas sociais surgem em 1987, já sob a égide da Presidência do Padre Afonso Herédia, sj., o jesuíta que, de forma muito empenhada e singular, marcou profundamente a instituição e o seu serviço à comunidade durante 28 anos.



Em 1994 surgiu a Mediateca, uma resposta direcionada aos jovens. Desde cedo começaram a existir no bairro fortes problemas associados ao tráfico de estupefacientes e toxicod dependência, que facilmente se explicam pelo excessivo tempo desocupado dos jovens e desmotivação sobre um futuro que aparenta oferecer possibilidades limitadas. O tráfico apesar de ter diminuído, é ainda regular no bairro. Apresenta-se como uma atividade atrativa para os mais jovens: é lucrativo, tentador e muitas vezes parece ser a solução para as suas necessidades familiares.



É precisamente estas carências que a Mediateca procurou colmatar: evitar que os jovens errem sem rumo pelas ruas, dando-lhes mundo e novas oportunidades, «para que eles próprios pudessem construir o seu projeto de vida», já que «não é possível escolher aquilo que não se conhece». É uma resposta de educação não-formal e um espaço onde as crianças e adolescentes encontram um porto seguro e relações de confiança entre eles e com os colaboradores do Centro. Esta proposta, que continua até aos dias de hoje, permite-lhes treinar competências e confrontarem-se com conflitos que irão ter na vida social e laboral do futuro; é um lugar - não apenas físico - onde podem falhar, sem que isso os destrua ou rebaixe, porque lhes são dadas segundas e terceiras oportunidade para recuperar e voltar a tentar. Acima de tudo, procura-se que aquele seja um espaço comunitário, de relações que são cultivadas através das atividades organizadas, onde eles mesmos são motivados a tomar iniciativas e arranjar soluções. «As regras são poucas e simples podendo ser resumidas em duas: o respeito pelo outro e o respeito pelo espaço, que é de todos. Dentro deste formato, tudo é possível!», afirma Ana Barata.



O tão esperado e sonhado realojamento do Bairro da Musgueira apenas se concretizou no início do novo milénio, ao fim de 40 anos da promessa feita pela Câmara Municipal de Lisboa. Até lá, a população esperou, qual povo judeu em busca da Terra Prometida, unida a uma promessa que explica, «em grande medida, o que é o espírito do Bairro da Musgueira e o sentido da comunidade que aqui se foi formando. Havia uma promessa que esperam ver cumprida.»

Entre 1998 e 2001 são erradicadas as barracas e nasce a atual Alta de Lisboa, que pretendia ser uma nova centralidade da cidade e que, por isso, veio juntar à população já residente uma população de classe média, jovem e com habilitações literárias superiores às dos antigos habitantes. Essa agregação provocou fortes tensões dentro do novo bairro, já que esta última população olhava os habitantes da Musgueira Norte com a conotação negativa de quem vem dos bairros sociais; do mesmo modo, estes olhavam para os novos residentes como “senhores”, alguém com características diferentes, desconhecidas e, por isso mesmo, geradoras de medo.

À época da reorganização do bairro, o Centro Social permaneceu nas instalações originais, mas o realojamento da população e as dificuldades de integração que este gerou, proporcionaram ao CSM uma nova missão, que passava por aproximar as diferentes populações. O processo de reinstalação do Centro durou cerca de 13 anos e, finalmente, em 2013 inauguraram o novo espaço. Além dos serviços que já tinha – o jardim de infância, o ATL, as salas de estudo, a Mediateca, o centro de dia e o apoio domiciliário -, com as novas instalações vieram três novos serviços: o TPC Média, um ATL para os alunos do 2º e 3º ciclo, que veio preencher uma falha que havia para os jovens destas idades; a formação profissional que, através de um acordo com o IEFP, procura certificar as competências daqueles que optaram por deixar o ensino tradicional e enveredaram pelo ensino profissional; e, por último, um Gabinete de Inserção Profissional (GIP) que encaminha os utentes para novas oportunidades de formação e de emprego.

O Centro Social da Musgueira – P. José Manuel Rocha e Melo é atualmente uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) com mais de 59 anos ao serviço da população do Bairro da Musgueira. Não pertence à Companhia de Jesus, mas é

verdadeiramente uma obra inaciana, espiritualidade que acompanha o Centro desde as suas origens com o Padre Rocha e Melo, sj. Vive-a intimamente, através da “cultura de avaliação” que herdou dos vários jesuítas Presidentes da Direção; pela procura de sempre atender, como opção preferencial, os mais vulneráveis; pelo esforço à contante adequação à realidade, e, em cada momento, pelo desejo e busca de tomar as decisões que sejam para “a maior glória de Deus e serviço dos Homens”.

Ana Barata refere-se ao Centro como «uma aula prática do que é a espiritualidade inaciana» e destaca a marca profunda que o fundador deixou, pelo seu modo de proceder e maneira de estar próximas das pessoas e da comunidade. Relembra como, durante os anos 60, o Padre Rocha e Melo pediu ajuda ao Pastor Esperança, da Igreja Evangélica, e às Conferências Vicentinas para a construção e desenvolvimento do CSM, tendo sido capaz de agregar uma série de credos em torno de uma única obra. Trabalhou em parceria real e efetiva com todos eles, tornando esta instituição, desde a sua fundação, uma obra profundamente ecuménica e aberta a todos. Nos anos seguintes foi determinante a ação do Padre Afonso Herédia que deixou para sempre uma marca indelével na obra e na comunidade da Musgueira. Sob a sua orientação e acompanhamento, o CSM pôde consolidar e promover o crescimento das suas atividades, construindo novas pontes de inclusão com os mais pobres, numa adaptação constante à realidade. O seu testemunho foi pautado pela descrição atenta, simplicidade, tenacidade e proximidade.

O Centro Social da Musgueira faz parte da CAS desde 2007, sendo esta ligação fundamental pelo sentido de pertença que proporciona, já que a ligação do CSM à Companhia de Jesus é mais afetiva que formal.

Ana Rita

Ana Rita Pinto é atualmente membro da equipa de coordenação e animação do Centro Social da Musgueira. Tem 30 anos e está inteiramente dedicada a três dos serviços do CSM: jardim de infância, TPC Media e Mediateca.

Cresceu no antigo Bairro da Musgueira Norte e em 1994 entrou para o jardim de infância do CSM onde esteve até mudar para a escola primária do bairro, à época Escola 34, hoje Escola Padre Rocha e Melo, em honra ao jesuíta fundador do Centro. A partir do 5º ano de escolaridade começou a frequentar o apoio ao estudo do Centro, que considera ter sido fundamental para o seu sucesso escolar.

Desde criança que, com o seu irmão, participava nos campos de verão organizados pelo Centro, oportunidades que lhe permitiu férias que nunca sonharia. Admite que as várias propostas do CSM ao longo da sua vida, assim como o convite para integrar a equipa do CSM, mais tarde, foram desafios que ajudaram a combater a timidez que a «bloqueava quando tinha de falar em público».

O contacto com as crianças e jovens, contacto este que cresceu quando foi trabalhar para o CSM, já não lhe era estranho. Após ter terminado o 12º ano com o curso profissional de desporto sentiu a necessidade de começar a trabalhar: «na altura vivia no bairro com os meus pais e eles tinham acabado de ficar desempregados». Trabalhou no jardim de infância de uma outra instituição, entre 2010 e 2013, mas era para a Mediateca que corria como voluntária, após sair do trabalho. Foi por esta altura que o Constante – atual membro da coordenação do CSM – a convidou para com eles criar o ‘TPC Média’ e, em 2013, integrar profissionalmente a equipa de responsáveis do Centro.

Lembra-se bem de viver no antigo Bairro da Musgueira Norte e da dificuldade da transição das barracas para o novo bairro, sobretudo para os pais, que viram a casa de toda uma vida ser demolida e foram forçados a enfrentar um futuro desconhecido, em prédios onde certamente se perderia o sentido de vizinhança vivido no antigo bairro. Apesar disso, acredita que o fundamental do bairro original



permaneceu: «Acho que a essência do Bairro da Musgueira Norte continua. Apesar dos vários conflitos, a união permanece. Os moradores continuam cá, mas agora estão espalhados pelos vários bairros da Musgueira. A diferença é que agora já não vivemos em barracas!»

«O Centro desafia e depois cada um agarra os desafios que quer.»

Ana Rita Pinto

Há seis anos que deixou o bairro e hoje vive numa casa própria, «com condições como nunca tive, onde tenho esquentador!», conta, relembando os tempos do antigo Bairro da Musgueira Norte onde a água para os banhos era aquecida no fogão. Optou por sair do bairro pela necessidade crescente de separar o trabalho da vida pessoal, mas a mudança não a impediu de manter uma forte relação com o bairro, o Centro e, essencialmente, com os jovens com quem mantém contacto próximo, sendo como uma irmã mais velha para muitos.

Apesar do desenvolvimento do bairro ao longo dos últimos 20 anos, este ainda hoje é conhecido como um lugar problemático, onde o consumo de droga é ainda uma realidade, embora não tão visível como antigamente. «A casa dos meus pais, onde vivia, era ao lado de umas casas pré-fabricadas onde havia muito consumo e, como nós brincávamos na rua, o consumo era visível nas mais variadas formas.» Ainda hoje os jovens «continuam a ter um acesso muito fácil à droga» e isso não mudou. Não só à droga como ao negócio, já que é uma «saída fácil», sobretudo para aqueles com insucesso escolar. Considera que é precisamente aí que o Centro tem um papel fundamental. Em primeiro lugar, porque «estamos abertos até às nove da noite»; e em segundo, pela forte oferta do Centro, seja cultural, lúdica, desportiva ou pedagógica. Realça o facto evidente de que quando «os miúdos estão cá, não estão no bairro», reconhecendo a importância do lugar enquanto espaço de encontro, de crescimento e aprendizagem partilhado. «Muitas vezes somos os primeiros a saber de coisas que acontecem que acontecem com os miúdos, porque acabamos por ser os confidentes deles.»




Sala de ATL



GRUPOS DE VOLUNTARIADO

F.A.S. RONDAS,
GAMBOZINOS,
GRÃO,
RABO DE PEIXE
E FOSTE VISITAR-ME



CONTACTOS

F.A.S. Rondas

Rua de Oliveira Monteiro, 562, Porto
tel. 226061410 / secretaria@creu.pt /

Gambozinos

dir@gambozinos.org
www.pontosj.pt/gambozinos

Grão

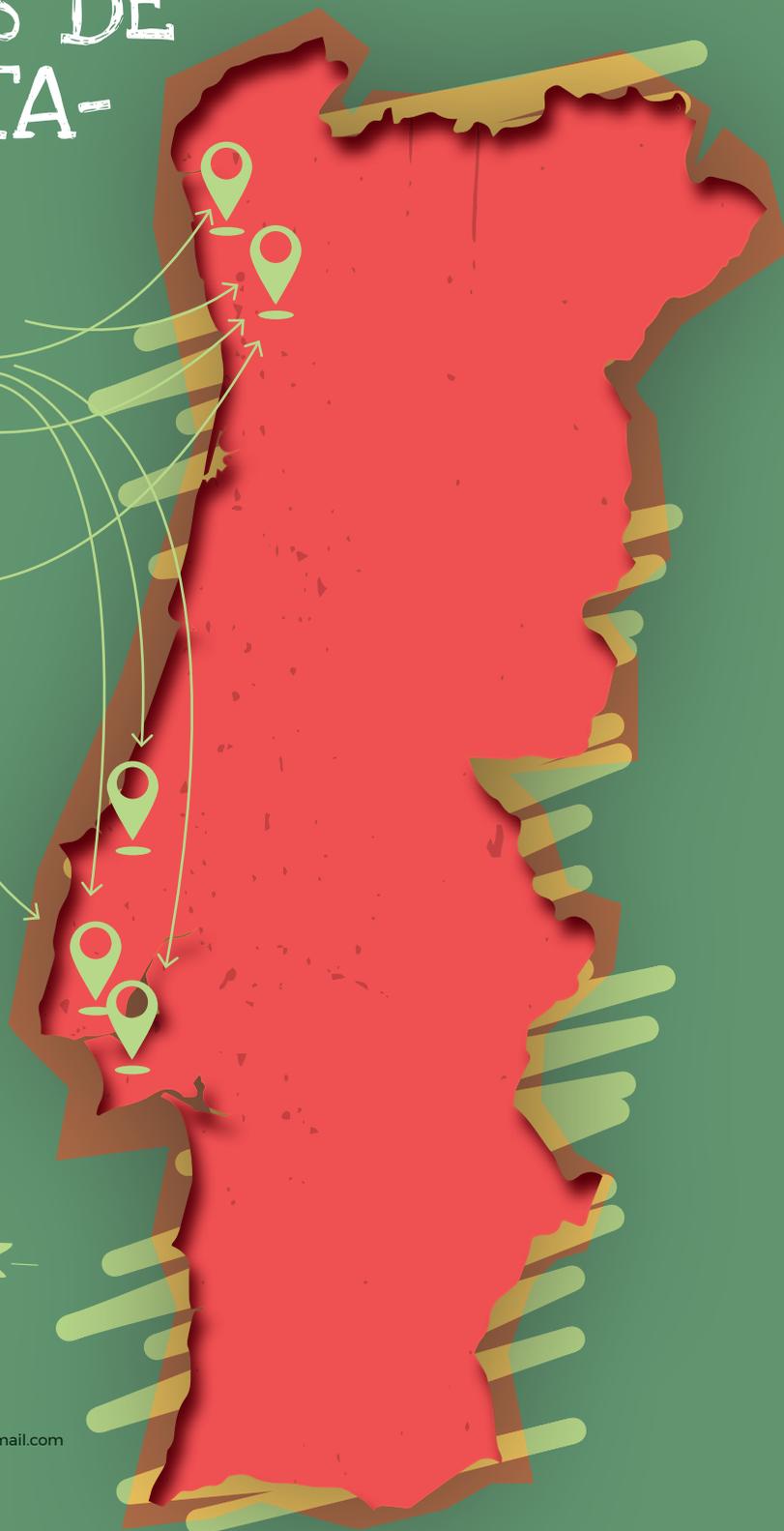
Rua de Oliveira Monteiro, 562 / graomail@gmail.com
www.ograo.com

Rabo de Peixe Sabe Sonhar

rdpss.direcao@gmail.com /
www.pontosj.pt/rabodepeixesabesonhar

Foste Visitar-me

Rua Oliveira Monteiro, 562, Porto / tel. 226061410
geral@fostevistarme.pt / www.fostevistarme.pt





São muitas as pessoas ligadas à Companhia de Jesus através de grupos de voluntariado e campos de férias que os jesuítas em Portugal têm originado ou apoiado ao longo de três décadas. São também muitas as pessoas que, enquanto público-alvo das iniciativas, têm beneficiado com a ação dos voluntários. Nesse sentido, e de forma a considerar na Comissão de Apostolado Social o forte trabalho social que é desenvolvido pelos diferentes grupos, estes passaram a integrar a Comissão em 2016, com uma única representação. Com sedes espalhadas pelo país, estes grupos vivem totalmente do empenho e boa vontade dos mais de 250 voluntários.



F.A.S. RONDAS

Criado em 2003, o grupo de voluntariado F.A.S. Rondas é fruto da compaixão de um grupo de universitários que à época frequentava o CREU-IL (Centro de Reflexão e Encontro Universitário – Inácio de Loiola) e que se deixou tocar pela realidade das pessoas em situação de sem-abrigo. Inicialmente, juntou-se um pequeno grupo que, numa tarde, reuniu umas quantas ceias e foi distribuí-las a algumas pessoas em situação de sem-abrigo da cidade do Porto. Na semana seguinte, eram 30 voluntários a querer colaborar.

Organizados, com trabalho dividido e rotas definidas, o grupo foi crescendo e aumentando o campo do seu trabalho social. Hoje, com cerca de 33 voluntários e quatro vertentes de ação social, o F.A.S. Rondas «tem o principal objetivo de acompanhar, estar e criar relação com pessoas mais carenciadas», como conta a Maria Luísa Andrade e Castro, voluntária do F.A.S. Rondas na vertente dos Sem-abrigo desde 2020.

O acrónimo F.A.S. alude às três primeiras vertentes de ação criadas pelo grupo – famílias, aldeias e sem-abrigo –, às quais, em

2007, se juntou a dimensão dos imigrantes, em colaboração com o JRS (Serviço dos Jesuítas aos Refugiados). À exceção das aldeias, que conta com visitas mensais dos voluntários, tanto as famílias, como os sem-abrigo e os imigrantes têm um acompanhamento semanal por parte dos voluntários.

As quatro famílias visitadas na cidade do Porto são acompanhadas semanalmente por equipas de dois voluntários que procuram acompanhá-las, combatendo a solidão e, se for o caso, apoiando os membros mais novos das famílias no estudo.

As rondas às pessoas em situação de sem-abrigo são feitas todos os domingos à noite e, apesar de não ser esse o objetivo desta ação, os voluntários procuram sempre perceber se há alguma necessidade urgente, como roupa ou comida.

«O nosso objetivo é só mesmo estar com as pessoas e fazer um bocadinho de companhia.»

Maria Luísa Andrade e Castro

Com os migrantes o trabalho é desenvolvido na Unidade Habitacional de Santo António (UHSA), um centro de detenção de migrantes em estado documental irregular. Garantindo visitas semanais, o compromisso das equipas de voluntários é quinzenal, essencialmente com a preocupação em acompanhar e aliviar o sofrimento dos migrantes durante o período de detenção.

As aldeias da Serra do Marão, perto de Amarante – Bustelo, Basseiros e Ansiães –, habitadas por uma população idosa em territórios isolados, recebem visitas mensais dos voluntários que, com a sua ação, acreditam colmatar a solidão destas pessoas.

De inspiração inaciana, o grupo F.A.S. Rondas aposta na formação dos seus voluntários, procurando unir o serviço e a espiritualidade, envolvendo a sociedade civil nas formações e criando redes com parceiros que já têm trabalho desenvolvido nas diferentes áreas onde o F.A.S. Rondas procura intervir.





45
P
S
O
A
S
EM
SITUAÇÃO
- DE -
SEM-ABRIGO



6
P
E
S
S
A
S
O
DAS
+
100
MIGRAN
AN
TES



ALDEIAS

Cuca

Maria Luísa (também conhecida por Cuca), de 29 anos, natural de Santarém, é ex-animadora do Centro Universitário Padre António Vieira e atual voluntária do grupo de voluntariado F.A.S. Rondas, no Porto. Com dez anos participou no seu primeiro campo de férias dos jesuítas e foi aí começou a sua relação com a Companhia de Jesus que se prolonga até hoje. Em Santarém a oferta da Companhia para estudantes era escassa, pelo que quando se mudou para Lisboa começou a frequentar o Centro Universitário Padre António Vieira (CUPAV).

Durante os anos de faculdade, enquanto participava na equipa de coordenação do CUPAV, procurava que o voluntariado fizesse parte do seu horário semanal. Colaborou com a Associação Padre Amadeu Pinto, no Pragal e mais tarde com o centro de dia do Centro Social da Musgueira, onde apoiava nas aulas de informática dos idosos. Estes foram anos de beber da «escola inaciana» e de ganhar as inquietações de «chegar às periferias» e do cuidado com o outro. Quando terminou a faculdade e começou a trabalhar, o tempo para se dedicar aos voluntariados diminuiu: «comecei a fazer a minha vida de trabalho-casa, casa-trabalho, que me sabia sempre a pouco». Quando em 2020 se mudou para o Porto e começou a frequentar o centro universitário dos jesuítas no Porto (Centro de Reflexão e Encontro Universitário – Inácio de Loiola, CREU-IL), conheceu o grupo de voluntariado F.A.S. Rondas que na altura tinha falta de voluntários. Candidatou-se, mas não sozinha. Como casal, a Cuca e o namorado sentiam que precisavam de alguma atividade nas suas vidas que os motivasse a «virar para fora» e ir para lá dos confortos da relação. Inscreveram-se no F.A.S. Rondas, ambos na vertente dos sem-abrigo, vertente que «não conhecia e gosto de sair da minha zona de conforto». À medida que começou a colaborar, foi descobrindo que «a maneira de estar do F.A.S. Rondas» aproximava-se muito da sua própria maneira de estar e a identificação era muita. Não só porque o F.A.S. Rondas procura estar verdadeiramente com as pessoas com quem se cruza, como



Atividade "Nós e Deus", 2015, do CUPAV | Cuca: na fila de baixo, a terceira a contar da esquerda

também trabalha por que «as pessoas sintam que têm a dignidade que elas acham que perderam», um sentimento comum nas pessoas em situação de sem-abrigo.

O caminho pelas obras incianias e, em especial, pelos grupos de voluntariado, foram e têm sido fundamentais no percurso pessoal da Cuca: «Identifico-me muito com esta maneira de estar [do F.A.S. Rondas] que se centra no cuidado do outro»

Gambozinos

A Associação Gambozinos nasceu em 1996, através do trabalho social que a comunidade de jesuítas de Braga desenvolvia no Bairro das Andorinhas, localizado no centro da cidade. Num bairro com inúmeras fragilidades socioeconómicas, os jesuítas, que durante o ano davam explicações e procuravam acompanhar as famílias de perto, criaram o primeiro campo de férias dos Gambozinos, à época com outro nome. Pela mesma época, esta mesma comunidade de jesuítas, que passava férias no Baleal, aproximou-se do Bairro de Peniche 3 que apresentava características semelhantes às do Bairro das Andorinhas. Durante o verão desenvolviam atividades com as crianças do Bairro e, mais uma vez, procuravam acompanhar de perto as famílias, sempre em vista ao desenvolvimento humano, social e económico destas comunidades. Decidiram então juntar os dois bairros – Andorinhas e Peniche 3 – e fazer campos de férias conjuntos.

A partir de então, começaram a juntar-se leigos à missão, que vinham sobretudo do CAB (Centro Académico de Braga) e da Faculdade de Filosofia de Braga. Mais tarde juntou-se o Bairro do Pragal, cuja integração nos Gambozinos surgiu pela presença que os jesuítas têm no bairro, que passou a formar o Núcleo Sul dos Gambozinos, juntamente com a capital.

Até 2012 o trabalho dos Gambozinos focava-se sobretudo nos campos de férias que juntavam jovens e crianças dos três bairros (de Braga, Peniche e Pragal) com jovens e crianças que vinham de outros campos de férias dos jesuítas, como o Camtil e os Campinácios.



«O objetivo é juntar jovens de realidades socioeconômicas e culturais diferentes.»

Maria Coimbra, coordenadora nacional da Associação Gambozinos

Hoje, são mais de 100 voluntários que dão corpo à Associação Gambozinos, constituída em 2012 como tal, e que concretizam a sua ação ao longo do ano. Dividida em três núcleos (Norte, Sul e Oeste), além dos campos de férias, a Associação organiza atividades durante o ano, permitindo um acompanhamento contínuo às crianças, tanto no foro escolar como no pessoal e familiar. Formados em 12 grupos, divididos por idades e conjugando realidades distintas, encontram-se uma vez por mês para viver um dia em conjunto, aludindo à memória dos campos de verão e dos minicampos da Páscoa. Com presença ao longo do ano nos três bairros – Andorinhas, Peniche 3 e Pragal –, os voluntários apoiam os jovens no estudo, garantindo a relação pessoal que não se restringe aos campos de férias. No caso do Bairro do Pragal, por exemplo, colaboram com a Associação Padre Amadeu Pinto (ver capítulo “APAP | Associação Padre Amadeu Pinto”), onde já têm uma organização estruturada para o apoio continuado.

Funcionando 100% através de voluntariado, os Gambozinos procuram quebrar barreiras, promover a amizade entre pessoas de realidades sociais diferentes e crescer na relação com Deus, no respeito pela natureza e no serviço aos outros.



O Grão

Fundado em 2005, O Grão é um projeto fruto da boa vontade de jovens universitários frequentadores dos Centros Universitários dos jesuítas, mais concretamente, do CREU-IL, o centro do Porto. Com o desejo de criar um grupo de voluntariado missionário de curta duração, cuja vida e missão se inspirassem, à semelhança dos Leigos para o Desenvolvimento (ver capítulo “LD | Leigos para o Desenvolvimento”), na forma de vida dos Jesuítas e de religiosos missionários, os jovens universitários começaram a colaborar com missões já existentes em Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, por períodos de dois meses na época de Verão.

Assente em quatro pilares – compromisso, comunidade, espiritualidade e serviço – que atravessam o ano de formação daqueles que desejam partir em missão, ao longo dos últimos 15 anos O Grão tem colaborado em mais de 31 missões desenvolvidas em Angola, Moçambique e São Tomé Príncipe. A parceria com organizações e agentes locais é aspeto fundamental e privilegiado pelo Grão, procurando garantir a continuidade e consolidação dos projetos, que se focam sobretudo no desenvolvimento comunitário; na formação, educação e promoção da integridade individual; e na autonomia das populações através da capacitação de jovens locais.



Conta Ricardo Lima, missionário d'O Grão na Ilha do Príncipe em 2014, que «O Grão procura ajudar algum projeto que já exista. São missões de curta duração, pelo que o trabalho que nós conseguimos fazer é muito reduzido. Não vamos mudar o mundo, mas tentamos servir pelo exemplo. O objetivo é, durante dois meses, ajudar naquilo que for preciso, seja para as pessoas, seja para as organizações que já trabalham no terreno. Assim o fazemos, seja com crianças, a dar formações de informática ou explicações, ou com outros».

A formação dos voluntários assenta em componentes teórico-práticas, visando não só dotar os pretendentes às missões de competências necessárias à concretização dos projetos, mas também contribuir para o seu desenvolvimento humano e espiritual, com propostas que passam por reuniões quinzenais, fins-de-semana de formação e oração, colaboração em projetos de voluntariado ao longo do ano e angariação de fundos. Esta última visa garantir o sustento das próprias missões, acabando por ser um forte contributo à construção do espírito comunitário dos futuros voluntários. Também é altamente recomendável que, durante o ano de formação, cada voluntário tenha a oportunidade de ser acompanhado espiritualmente pelo jesuíta encarregue da orientação espiritual de O Grão, o que proporciona aos jovens um maior autoconhecimento e enraizamento na fé e espiritualidade que sustentam o projeto.

«Sem dúvida que o Grão me transformou, mas na verdade não sei o que me transformou mais, se o percurso de formação, se a missão.»

Ricardo Lima

Todos os anos O Grão envia em missão voluntários entre os 18 e os 30 anos. Disponibilidade e abertura são as atitudes pedidas a cada voluntário no início dos anos letivos já que, aqueles que mostram disponibilidade para partir em missão e cujo desejo é confirmado pela estrutura que os acompanha, são convidados a partir sem escolher o destino e as pessoas da sua comunidade.



Rabo de Peixe Sabe Sonhar

A Associação Rabo de Peixe Sabe Sonhar nasceu em 2004, dois anos após a primeira visita de três padres jesuítas à vila piscatória localizada na Ilha de S. Miguel, Açores, a cuja realidade não puderam ficar indiferentes. Com o apoio e incentivo das Irmãs Criaditas dos Pobres, que contavam com uma das suas comunidades em Rabo de Peixe; em conjunto com as Irmãs Escravas do Sagrado Coração de Jesus, cujos campos de férias do bairro da Fonte da Prata (Moita) inspiraram o projeto; e através dos quatro Centros Universitários, o grupo de padres jesuítas conseguiu reunir pessoas e recursos para organizar colónias de férias dirigidas às crianças da vila de Rabo de Peixe.



Desde então o foco principal da Associação Rabo de Peixe Sabe Sonhar tem sido as colónias de férias que se realizam no verão, para 96 crianças dos 6 aos 15 anos. Organizados por cinco núcleos, quatro no continente e um na ilha, os cerca de 60 voluntários recebem formação ao longo do ano, com reuniões quinzenais e dois fins-de-semana por ano. A formação teórico-prática passa por aprofundar o conhecimento sobre a realidade da vila de Rabo de Peixe; pela participação em atividades organizadas pelos centros universitários dos jesuítas (à exceção do núcleo de Rabo de Peixe) e por uma forte componente humana e espiritual, característica da espiritualidade inaciana. À semelhança de O Grão, a sustentabilidade financeira da Associação é da responsabilidade dos voluntários, que todos os anos se empenham numa angariação de fundos que deve garantir a colónia de verão, as viagens de acompanhamento ao longo do ano e a formação do núcleo de Rabo de Peixe.

Este último é o mais recente núcleo da Associação, criado em 2019 com o intuito de incluir na organização das colónias os jovens que outrora foram participantes e que agora, além de já terem ultrapassado a idade para integrar a colónia, mostram interesse e disponibilidade para colaborar com a Associação de uma nova forma. Enquanto a coordenação dos núcleos do continente é composta por dois membros do núcleo e de um assistente espiritual, a coordenação do núcleo de Rabo de Peixe é partilhada entre dois membros locais e um membro da direção da Associação, que vai à ilha com uma frequência média de dois meses, de maneira a dar formação aos jovens que irão colaborar na colónia do ano seguinte. A criação deste novo núcleo permite que os voluntários tenham mais presença com os habitantes da vila de Rabo de Peixe e um acompanhamento mais próximo e regular dos jovens.

Numa vila piscatória situada a 25 quilómetros de Ponta Delgada, com cerca de nove mil habitantes, a população enfrenta fortes desafios socioeconómicos, tais como a pobreza, a fome, o álcool, a violência doméstica e o insucesso escolar. Deste modo, a Associação Rabo de Peixe Sabe Sonhar surge com o objetivo de «abrir os horizontes das crianças de Rabo de Peixe», como afirma Maria Vieira, coordenadora da Associação, procurando ser um canal de amor e cuidado na vida dos jovens e um impulso para os seus sonhos e vidas.

«É a vida destas crianças e das suas famílias que nos toca e continua a animar e a comprometer, todos os anos.»

Maria Vieira



Foste Visitar-me

“Estive preso e foste visitar-me”

Mt 25, 36

Com uma história que teve início em 1991, no seio do centro universitário dos Jesuítas no Porto, CREU-IL, a Foste Visitar-Me foi legalmente constituída como Associação em 2007. Foi o concretizar do sonho de alguns dos primeiros visitantes, nomeadamente do Carlos Coelho que, durante cinco anos assegurou sozinho as visitas ao Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo, especialmente à clínica psiquiátrica. A partir do ano 2000, foram-se juntando novos voluntários, tornando-se possível, em 2003, começar a fazer visitas ao Estabelecimento Prisional do Porto em Custóias e, em 2005, ao recém-inaugurado Estabelecimento Prisional Especial de Santa Cruz do Bispo, destinado somente a mulheres.

Atualmente, a Associação Foste Visitar-Me conta com 30 voluntários - “visitadores” - que todos os sábados de manhã, acompanham reclusos dos três estabelecimentos referidos, com a missão de «estabelecer relações de proximidade e confiança, procurando ajudá-los a encontrar um sentido para o tempo de reclusão», conta Cláudia Assis Teixeira, voluntária da Foste Visitar-Me e representante dos Grupos de Voluntariado na Comissão de Apostolado Social (CAS) da PPCJ. Além das visitas semanais, a Associação dispõe-se a partilhar momentos com os ex-reclusos que assim o desejem, apoiando-os na fase de transição e na construção de um novo projeto de vida. Nos últimos anos, também se tem focado em dinamizar conferências e debates que procuram quebrar mitos e ultrapassar barreiras associadas às temáticas das prisões.

De inspiração inaciana e com a assistência espiritual de padres jesuítas, a Foste Visitar-Me garante formação e acompanhamento ao longo do ano para voluntários acima dos 28 anos que tenham um forte sentido de compromisso e como motivação, o serviço livre e desinteressado ao outro.



Paulo Alves

Paulo Alves, de 53 anos, conheceu a Foste Visitar-me em fevereiro de 2008, enquanto estava no Estabelecimento Prisional do Porto. O facto de ser um recluso sem família nem visitas garantiu-lhe uma visita dos voluntários da Foste Visitar-me todos os sábados de manhã, que considera terem sido fundamentais. Explica a importância de manter contacto com pessoas «do exterior» e de ter quem acompanhe o seu processo, a partir de uma relação de proximidade e não-condenação.

«Fomos conversando. [Os voluntários] foram acompanhando o meu processo e a minha evolução lá dentro. Ganhou-se um sentimento de confiança mútuo. Era um local onde se falava de tudo, nunca fomos julgados pelo Foste Visitar-me (muito importante!), apesar de conhecerem o meu passado e o que tinha acontecido.»

Saiu do Estabelecimento Prisional do Porto em 2010, mantendo o contacto com a Foste Visitar-me que o ajudou no processo de reintegração na sociedade, na procura de emprego e no simples facto de se fazer presente.

«Perdi quase 20 anos da minha vida por causa das drogas. Foi tempo que eu considero tempo perdido, sem justificação, mas tendo noção daquilo que estava a fazer. Agora isso já não faz parte da minha vida, felizmente, e o Foste Visitar-me também contribuiu para a continuidade da abstinência, e para concretizar aquilo que eu desejo. Tenho conseguido aos bocadinhos, mas mais vale um passo devagar do que muito apressado e depois voltar atrás, que às vezes acontece. Mas não podemos desistir. Os obstáculos e os rótulos vão existir sempre, mas temos de os saber contornar, se não for à primeira, é à segunda. E se tivermos ajuda ainda melhor!»

Depois de sair, e com o acompanhamento do Foste Visitar-me, «passei a ter outros prazeres que tinha perdido. Voltei a ter prazer em viver. Pensei que não chegava aos 50 e já estou com 53! Pensei mesmo que as coisas iam correr mal: na fase da recuperação o corpo parecia que não respondia, mas a força de vontade venceu.»



positivo. Já criei estabilidade, mas não foi fácil. Para quem não tem família, nem nada, o Foste Visitar-me foi a minha família. Foi muito importante e vou-lhes estar sempre agradecido. Não há forma de pagar isso.»

Atualmente o Paulo é auxiliar de ação direta no Centro comunitário São Cirilo no Porto, onde colabora no acolhimento de refugiados e migrantes.

CENTRO COMUNITÁRIO SÃO CIRILO

CONTACTOS

RUA BARÃO DE
FORRESTER, 968,
PORTO
TEL. 228348460

GERAL@SAOCIRILO.PT
WWW.SAOCIRILO.PT



Centro
Comunitário
São Cirilo



Foi no início do novo milénio que o Padre António Vaz Pinto, sj. começou a idealizar um centro de acolhimento de migrantes localizado no Porto. O desejo surgiu da constatação daquela ser uma época com elevados fluxos migratórios vindos dos países de Leste, já que eram inúmeros os migrantes que recorriam à comunidade dos jesuítas no Porto a pedir abrigo, alimentação e emprego. Nasceu então o Centro Comunitário São Cirilo, a 13 de junho de 2002, cujo nome honra o Santo do século IX responsável pela expansão do Cristianismo entre os Eslavos do Leste Europeu, povo a quem “dedicou toda a sua vida ao cuidado espiritual e material” (no website do centro). São Cirilo juntamente com o seu irmão São Metódio são hoje padroeiros da Europa.

O objetivo da nova obra social era claro: acolher os migrantes vindos de Leste, acudindo-os com alojamento e alimentação e integrando-os profissionalmente na sociedade. Criado oficialmente em 2002 como IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social), a primeira pedra foi lançada em 2007 e só em 2010 abriu portas, quando a crise económica em Portugal já se fazia sentir com severidade. Consequentemente, o número de migrantes eslavos diminuiu, aumentando, contudo, o número de migrantes já residentes em Portugal há vários anos, mas que voltavam a necessitar de ajuda. Da mesma forma, pessoas e famílias portuguesas fortemente afetadas pela crise económica começaram a revelar profundas carências. Como é próprio de uma obra carismaticamente inaciana, capaz de “ler os sinais dos tempos” e de responder às necessidades que surgem da realidade concreta, o Centro Comunitário adaptou a sua missão «passando a acolher e apoiar, além de migrantes, cidadãos nacionais igualmente necessitados, sempre com o objetivo de ajudar à sua reintegração social», conta Mariana de Mariz Rozeira, Diretora Técnica do Centro Comunitário São Cirilo e representante da obra CAS.

“Que o Senhor abençoe esta obra e que ela se torne sinal eficaz do amor a Deus e ao próximo, no serviço de acolhimento e integração dos nossos irmãos migrantes. Vinde, benditos de meu Pai (...) porque era imigrante e acolheste-me (Mt 25, 34.35)”

Benção da obra a 13 de abril de 2007

Localizado numa zona central da cidade do Porto, o Centro Comunitário criou então vários serviços que visam responder a esta missão, cujo objetivo último se traduz em «terminar com a pobreza», afirma Mariana Rozeira, isto é, tornar os beneficiários do Centro independentes dos apoios sociais. Funciona com três vertentes principais:

O Serviço de Alojamento Temporário (SAT) permite o acolhimento temporário de 18 pessoas em quartos duplos, contando com um quarto familiar de quatro pessoas. Estima-se que o tempo limite da estadia seja de 6 meses para utentes nacionais e de 1 ano para migrantes, sendo este tempo possivelmente adaptado à situação real de cada pessoa. «Já houve casos em que pessoas precisaram de processos mais longos: primeiro uma estabilidade emocional, depois começar a aprender a língua e só depois as preparações para integração no mercado de trabalho. Se para tudo isso for preciso mais de um ano, como já aconteceu, estamos abertos a isso».

O Serviço de Apoio em Refeições (SAR) destina-se a quem tenha casa própria, mas, por alguma razão, não tem condições para cozinhar. São então garantidas duas refeições diárias que é responsabilidade dos beneficiários ir levantar, tendo também acesso a vários outros serviços do Centro.

O Serviço de Apoio em Cabaz (SAC) dirige-se a nacionais e migrantes em situação de vulnerabilidade social que, tendo casa própria e condições para cozinhar, não têm uma situação económica estável que lhes permita a compra regular de alimentos. Assim, o Centro Comunitário garante semanalmente um cabaz de alimentos em quantidade adaptada ao agregado familiar.

Para estes três públicos-alvo, o Centro São Cirilo desenvolveu uma metodologia própria que procura responder ao objetivo último de erradicação da pobreza no seio destas famílias e indivíduos: o projeto de vida individual “com vista à (re)integração social e profissional”. Trabalhado e planeado com cada pessoa em particular acompanhada pelos técnicos do Centro, o projeto de vida passa pela capacitação de cada um conforme as suas necessidades específicas. Alfabetização, aprendizagem de português ou outra língua, aulas de informática, de música ou a prática de algum

desporto que possa contribuir para o desenvolvimento integral da pessoa. Com este método de trabalho, esta obra que pertence à Companhia de Jesus encarna o que ao longo da tradição jesuítica se tem chamado de *cura personalis*, o cuidado com a pessoa inteira em atenção às suas necessidades específicas e individuais.



Além destes serviços principais, existem vários gabinetes de atendimento não exclusivos a estes três públicos-alvo, mas abertos a quem necessitar. Os Gabinetes de Apoio Social, Psicológico, de Emprego, Jurídico e Médico são gratuitos, funcionam por marcação e em articulação com serviços públicos e instituições parceiras.

«Em primeiro lugar curamos as feridas que as pessoas trazem consigo. Isso faz-se sobretudo com o apoio do gabinete de Psicologia. As pessoas vêm, geralmente muito desagastadas, cansadas e feridas e o primeiro encontro é o de ouvi-las e curá-las. Só depois disso é que as pessoas estão preparadas para serem capacitadas.»

Mariana de Mariz Rozeira

Existe também um Gabinete de Animação Sociocultural que funciona em estreita colaboração com voluntários que dinamizam muitas das aulas e atividades. Registam-se ainda dois serviços, não tão direcionados ao público-alvo do Centro São Cirilo, que compreendeu-se fazer falta na cidade do Porto: «balneários, que estão abertos todos os dias de manhã para que as pessoas,

sobretudo em situação de sem-abrigo, possam cá vir tomar banho; e um banco de roupa para quem precisa e não tem essa possibilidade. Este banco também é dinamizado por voluntários», descreve a atual Diretora Técnica do Centro.

Os voluntários – cerca de 70 a colaborar semanalmente – têm um papel fundamental e podem encontrar-se em diferentes áreas de trabalho: tanto na elaboração dos cabazes de alimentos, como nas idas aos supermercados para recolha de alimentos em fim de prazo, no banco de roupa ou em atividades de capacitação. As idades, muito variadas, geralmente ditam o período com que colaboram com o Centro: se os voluntários acima dos 60 anos costumam permanecer por mais de três anos, os jovens universitários, pela fase de vida em que se encontram, tendem a colaborar durante um semestre ou um ano. «Os voluntários são muito disponíveis, muito entregues à causa e muito identificados com a nossa forma de trabalhar e com a nossa missão.»





Ao longo dos últimos anos o Centro Comunitário São Cirilo tem recebido mais de 1000 utentes por ano e já passaram pelos diferentes serviços mais de 126 nacionalidades diferentes, sendo as situações muito distintas umas das outras: «Temos agora aqui uma família da Argélia, pai, mãe e filha, em que nenhum deles tem um documento válido e por isso a criança, com 13 anos, não pode frequentar a escola. A embaixada em Lisboa só permite a renovação do passaporte se eles apresentarem uma marcação no SEF e o SEF não faz marcações neste momento, por isso... estamos a ver como vamos resolver, mas este é um dos casos muito difíceis. Neste momento estão a receber apoio do gabinete jurídico e, simultaneamente, estão a ter aulas intensivas de português, para que, quando esta situação estiver desbloqueada, eles possam integrar o mercado de trabalho. Estamos também em contacto com colégios privados para receberem a criança, porque no público não é mesmo possível.»

«Estas pessoas têm direito a ter um apoio também. Não vão ficar na rua porque não têm documentos.»

Mariana de Mariz Rozeira

O Centro Comunitário são Cirilo vive da cooperação com a Segurança Social que garante parte do seu orçamento anual, sendo que a restante parte depende de empresas mecenadas e da generosidade de particulares. Conta com uma equipa de 13 colaboradores e está aberto 24 horas por dia durante todo o ano. Integrou a Comissão de Apostolado Social (CAS) da Província Portuguesa da Companhia de Jesus em 2009, onde como membro deste corpo, fortalece a segunda Preferência Apostólica da Companhia de Jesus para a década de 2019-2029, “Caminhar junto aos pobres, os descartados do mundo, os violados na sua dignidade numa missão de reconciliação e justiça”.



«Há um quadro no gabinete, desde o início da casa, que tem representada a fuga da Sagrada Família para o Egipto. É muito do que aqui se passa: ninguém está nesta situação porque quer, por isso vêm sempre à procura de um sonho e de uma vida melhor.»

Mariana de Mariz Rozeira



LD

LEIGOS PARA O DESENVOLVIMENTO

CONTACTOS

ESTRADA DA TORRE,
26, LISBOA
TEL. 217 574 278

GERAL@LEIGOS.ORG
WWW.PONTOSJ.PT/LEIGOS



LEIGOS PARA O
DESENVOLVIMENTO



O projeto dos Leigos para o Desenvolvimento (LD) começou a germinar lentamente, partindo do desejo de um grupo de universitários que frequentava o Centro Universitário Padre Manuel da Nóbrega (CUMN) e que era acompanhado pelo Padre António Vaz Pinto, sj. Com a ida do jesuíta para Lisboa, e com a consequente fundação do Centro Universitário Padre António Vieira (CUPAV), os LD nasceram em Lisboa, a 11 de abril de 1986. É Uma Organização Não-Governamental para o Desenvolvimento (ONGD) que há mais de 35 anos tem formado e enviado leigos missionários para África, Timor-Leste e Portugal.

Na década de 80, o conceito de “leigo missionário” não era frequente, já que o ser missionário estava fundamentalmente associado a ser religioso. Surgiu então como uma novidade que jovens leigos recém-licenciados optassem por dedicar um ano das suas vidas a viver à semelhança dos jesuítas ou de qualquer religioso missionário: uma vida comunitária marcada pela missão e pela oração como motor dos seus dias. Carmo Fernandes, Diretora dos LD entre 2010 e 2021 e então representante da obra na CAS conta: «vivemos em comunidade, não enviamos nenhum voluntário sozinho, por isso a maneira de vida [em missão] é de partilha e comunhão, num sistema de pobreza e gratuidade. Vamos para perto das comunidades que vamos servir, com recursos limitados e fazemo-lo a favor do desenvolvimento.»

Foi preciso encontrar uma diocese que estivesse recetiva a este acolhimento e foi em São Tomé e Príncipe, em 1988, que os seis primeiros voluntários dos Leigos para o Desenvolvimento encontraram o seu destino de missão. Ao longo dos anos foram várias as regiões de São Tomé e Príncipe que abraçaram a missão dos LD e, quando em 2011 se fez um processo interno de reposicionamento das missões no país, ficou decidido que as missões iriam atuar na Cidade de São Tomé e na Roça de Porto Alegre, onde permanecem até hoje.

Depois de São Tomé e Príncipe, as missões alargaram-se a Moçambique, Angola, Timor-Leste e, mais recentemente, Portugal. Ao longo destes 35 anos, várias missões foram abertas, da mesma forma que outras foram concluídas, quando terminado o processo de capacitação e de autonomização das comunidades e dos parceiros locais; ou interrompidas, devido a situações específicas dos países ou localidades. Foi o caso de Angola, por exemplo, que recebeu a primeira missão dos LD em 1992 e logo após um ano se viu obrigada a fechar devido à Guerra Civil que recomeçava. Regressaram em 1996 para Benguela, tendo concluído esta missão em 2019, inaugurando uma nova mais a sul da cidade de Benguela, na Ganda.

A pedido da Companhia de Jesus, Timor-Leste acolheu a presença dos LD entre 2000 e 2012. Em Dili, a missão centrava-se em ajudar na reconstrução do país após o árduo ano de 1999, em que Timor-Leste dava o seu último grito de independência da

Indonésia. Em Moçambique, as missões dos LD têm tido uma forte participação desde 1992. Passando pelas cidades de Lichinga, Tete, Cuamba e Beira, a última missão dos LD no país foi concluída em 2019, após mais de duas décadas de presença em Moçambique.

Em Portugal a missão conta agora com três anos. Iniciada em 2018 a pedido do Padre Provincial José Frazão sj., os LD optaram por fazer da Freguesia Caparica-Pragal, na margem sul do rio Tejo, o destino nacional de missão.





Todos os anos os LD formam voluntários entre os 21 e os 45 anos, a partir de três núcleos: Porto, Coimbra e Lisboa. É uma caminhada de um ano com várias etapas formativas de inspiração inaciana. Com reuniões quinzenais que aprofundam os três pilares principais do espírito missionário da organização – missão, oração e comunidade –, ao longo do ano cada formando tem a oportunidade de ser acompanhado por um assistente espiritual e, simultaneamente, de ser apadrinhado por um “ancião” (antigo missionário dos LD) que se dispõe a ser testemunho próximo e direto dos futuros missionários. »A grande maioria de quem foi voluntário, fica ligado muito tempo depois de já ter terminado a sua missão e colabora de formas diferentes»,

conta Carmo Fernandes. A formação dos candidatos culmina com os Exercícios Espirituais de sete dias, que se realizam no final do ano de formação. Durante essa semana, que se alimenta de “buscar e achar a vontade divina” [Exercícios Espirituais (EE), Primeira Anotação], cada formando deve discernir a sua predisposição para ir, ou não, em missão. É um tempo específico para que cada voluntário se faça “indiferente ao seu próprio amor, querer e interesse” (EE 189) e aí poder escutar a vontade de Deus para aquele momento concreto da sua vida. Dos voluntários que afirmam o desejo de partir em missão, a decisão de quem vai e para onde, fica ao critério da direção e equipa de formação, de acordo com as necessidades dos projetos, na fase de desenvolvimento em que se encontram, e com o perfil único de cada voluntário.

Para os poucos voluntários que começam a caminhada formativa com os Leigos para o Desenvolvimento que já conhecem a espiritualidade inaciana, o ano de formação apresenta-se como uma oportunidade para fortalecer essa forma específica de viver a relação com Jesus Cristo. Contudo, também há quem «caia de para-quedas» e, desconhecendo por completo a espiritualidade basilar da organização, são atraídos puramente pelo seu caráter missionário, acabando por descobrir no modo de ser inaciano um novo caminho de procura de Deus.

Como o nome sugere, os “Leigos” trabalham “para o Desenvolvimento”. A organização é consciente de que os processos de mudança necessitam de muito tempo e por isso procuram fortalecer aspetos estruturais em cada lugar, permanecendo longos períodos com as comunidades locais e desafiando-as a trabalhar com eles. «Não vamos resolver os problemas como identidade externa, vamos pensar em conjunto com as comunidades e encontrar soluções conjuntas». Esta é uma das razões principais pelas quais as missões dos voluntários têm a duração mínima de um ano e pela qual se atribui extrema importância à passagem de pasta, de uma missão para a outra. É de salientar que são as dioceses locais que acolhem os LD como presença nas suas dioceses e que todo o trabalho dos missionários é feito em parceria com as comunidades religiosas locais, contribuindo inclusive para o desenrolar das atividades pastorais.

«Procuramos ir às causas dos problemas para que, com o tempo, as mudanças possam ocorrer e as comunidades fiquem elas capazes de ver em si próprias a capacidade da sua resolução.»

Carmo Fernandes

Quando se inicia uma missão pela primeira vez numa nova localidade, é feito um trabalho de diagnóstico que visa perceber que grupos locais precisam de maior intervenção, procurando compreender as suas problemáticas e as suas potencialidades. Ler os sinais da realidade concreta é o grande foco. Nesse trabalho inicial os LD pretendem igualmente desvendar e potenciar os atores





locais que podem contribuir para a resolução dos desafios identificados e é após toda esta análise que se desenham os projetos que serão implementados nos anos seguintes.

Veja-se o caso da recente missão na freguesia Caparica-Pragal, em Portugal. Os primeiros meses caracterizaram-se por um primeiro esforço de inculturação enquanto, simultaneamente, os voluntários procuravam compreender as maiores necessidades dos habitantes dos vários bairros. O espaço público foi o maior problema identificado – pouco cuidado e grandes problemas na recolha dos resíduos – e os jovens e as mulheres foram sinalizados como as duas populações mais frágeis. Para as mães, donas de casa e trabalhadoras, que sentem grandes dificuldades no seu ritmo de vida, foi criado o “Grupo das Mulheres”, que se reúne quinzenalmente para desenvolver temas como a violência doméstica e a educação e cuidado dos filhos. Ao longo dos últimos anos, o grupo tem-se revelado um espaço de confiança e partilha mútuas, onde os problemas pessoais são escutados e onde cada uma procura força para robustecer áreas específicas das suas vidas. “Graças ao Grupo das Mulheres pude acabar o 9º ano e fazer o 12º. Estou muito agradecida porque nos apoiamos umas às outras», testemunha Joaquina, residente de um dos bairros da freguesia Caparica-Pragal e membro do Grupo das Mulheres.



Com os jovens e jovens-adultos, muitos deles sem escolaridade obrigatória e sem integração profissional, o objetivo centra-se em potencializar as suas competências artísticas, já que revelam fortes apetências seja para as artes plásticas, o teatro ou a música. As missionárias dos LD, em conjunto com a comunidade local, investiram forças na criação de um *hub* criativo, um espaço incubador de ideias onde os jovens podem desenvolver e implementar os seus projetos artísticos, atrair outros jovens e trabalhar em colaboração. Desde que começou, esta missão conta com uma comunidade de dois voluntários por ano.



Ao longos dos 35 anos de vida os LD têm apostado em projetos nas mais diversas áreas, como a educação, a saúde, a coesão social e o empoderamento das mulheres, partindo sempre de uma leitura atenta da realidade e de um discernimento comunitário. Sendo esta uma obra independente da Companhia de Jesus, mas unidos por uma espiritualidade comum, os LD incorporam a Comissão de Apostolado Social (CAS) da Província Portuguesa da Companhia de Jesus desde 2006. Partilhando da Missão da Ordem Religiosa, participaram no processo de identificação das Preferências Apostólicas para a década de 2019-2029 que, quando apresentadas pelo Padre Geral, se revelaram uma forte confirmação do trabalho dos LD. “Mostrar o caminho para Deus através dos Exercícios Espirituais e do Discernimento”; “Caminhar junto aos Pobres, os descartados do mundo, os violados na sua dignidade numa missão de reconciliação e justiça” e “Acompanhar os Jovens na criação de um futuro promissor”, três das quatro Preferências Apostólicas traças pela Companhia de Jesus para a década de 2019-2029, que são traços fundantes da identidade dos LD.



Laura Marques

Laura Marques, de 35 anos, é anciã dos Leigos para o Desenvolvimento e voluntária da Associação Casa Velha Ecologia e Espiritualidade (ver capítulo seguinte), organizações que conheceu através do Centro Universitário Manuel da Nóbrega (CUMN – ver capítulo “Centros Universitários”).

«Foi um cartaz de divulgação dos Leigos para o Desenvolvimento (LD) que me levou pela primeira vez ao CUMN – Centro Universitário Manuel da Nóbrega, quando ainda era estudante de Serviço Social na Universidade de Coimbra. Foi a porta que se abriu ao mundo inaciano, que me acompanha desde então. Como ainda não tinha acabado o curso, acabei por me envolver num outro grupo de voluntariado internacional de curta duração que ali tinha a sua sede, através do qual estive em missão em São Tomé e Príncipe, por dois verões. Fui, voltei e fui ficando pelo CUMN.

Bem mais tarde, regresssei à formação dos LD – “há um tempo para cada coisa debaixo do céu”. A formação dos LD é de uma grande riqueza. A desconstrução de quem sou, dos meus dons e limitações, das minhas motivações e medos; a construção de um grupo – comunidade, que se vai descobrindo em comum e crescendo no desejo de *MAGIS*. Todo o processo da formação e da missão com os LD foi uma oportunidade de pôr em prática o tanto do que nos faz sentido como cristãos: o convite-desafio de viver ao modo de Jesus, no estilo de vida, nas palavras e ações; o viver constantemente à escuta, numa atitude de discernimento, perscrutando o modo como Deus me fala; e reconhecendo tanto bem recebido; viver agradecido.

Fui enviada em missão LD para Benguela, Angola, de agosto de 2013 a setembro de 2014, numa comunidade de quatro pessoas. Há um antes e um depois de um ano de missão pelos LD. Apesar dos desafios, não tenho dúvidas de que foi dos anos mais ricos que vivi. Senti que vivi uma vida integrada, onde as várias dimensões (trabalho, casa, amigos, família, espiritualidade, missão, oração) coabitavam o mesmo espaço-tempo. A forma como a missão está



organizada permite que o sangue circule em todo o corpo que é a vida inteira. Senti que a minha vida não estava compartimentada, não havia necessidade de dividir-me. Em missão LD está tudo incluído, tudo está ligado – e esta consciência e forma de viver continua a ser o meu sentido.

Foi na formação dos LD que conheci a Casa Velha. Foi lugar de experimentar a vida comunitária ainda em Portugal e re-ordo-me do entusiasmo e curiosidade pela experiência e da vontade de ali voltar. Mais tarde – já regressada da missão LD – fui assistir a uma conferência organizada pela Casa Velha e outras organizações na Fundação Gulbenkian sobre a Encíclica *Laudato Si'* (“Cuidar da Casa Comum: que ecologia?” em 2015) e a permanente comoção fez-me regressar a (esta) Casa. «Onde Deus toca, chama».

Comecei por ir à Casa Velha colaborar em algumas atividades de forma pontual; posteriormente fui mensalmente à comunidade dos Atravessados (ver capítulo seguinte) e progressivamente, e pela minha identificação profunda com o modo Casa Velha, fui sentindo desejo de ficar de forma regular e ser parte do lugar. Cruzaram-se caminhos e desejos de uma primeira pequena comunidade a viver juntos o que sonhávamos e sonhamos para a Casa Velha [foi a primeira ‘comunidade permanente’ da Casa velha, em 2019].

A história da família – legado, história da transformação de espaços antigos, a história dos carvalhos que estão antes de nós, a história do regresso a Casa, a história do Bom Pastor, etc. São tantas as histórias da Casa Velha que se tocam com a minha e com a de todos que por ali passam. Histórias que se vão rezando e tecendo juntas, entre encontros e atividades, num modo de fazer e estar, num ser pertença, respeitando e cuidando de tudo e de todos.

Dizemos que a Casa Velha é ‘lugar de relação catalisadora de conversão ecológica’. Sim, lugar de relação, entre-o-tanto que respira deste mesmo lugar-pulmão. Lugar de relação de uma família com toda a família humana. Lugar de cruzamento de missões e vocações, que possam desde ali ‘ver novas todas as coisas’. Lugar de fronteira, que dá espaço ao verdadeiro

encontro e à conversão. Lugar que acolhe e envia de novo, onde todos somos acolhidos e chamados a acolher. Lugar onde todos temos parte – uns em presença e todos em Comunhão. Lugar onde o Reino de Deus ganha corpo e é História de Casa, é lugar comum.

Também o meu lugar na Casa Velha vai sendo lugar em conversão. Com o tempo, o corpo da Casa Velha vai mudando de forma, mas continua a ser corpo com linfa, sangue que percorre os carvalhos e todas as árvores daquele lugar. Assim me sinto ali, parte de tudo, à escuta da brisa do Espírito, comprometida com a dança que somos como comunidade-corpo, para a orquestra Maior.»



ASSOCIAÇÃO CASA VELHA

ECOLOGIA
E ESPIRITUALIDADE

CONTACTOS

QUINTA DA CASA
VELHA – VALE
TRAVESSO – OURÉM
TEL. 249 542 320

CASAVELHA@CASAVELHA.ORG
WWW.CASAVELHA.ORG





Localizada numa zona rural perto de Fátima, na aldeia de Vale Travesso, a Quinta da Casa Velha é, antes de mais, uma casa de família que hoje conhece a quarta geração da família Alvim. Com um terreno de 67 hectares, a quinta desde sempre assumiu um papel relevante na região de Ourém, um concelho onde a média de propriedades é de um hectare. Cuidar da terra e das pessoas, interligando as dimensões económica, social, ambiental e espiritual, olhando o bem comum, inspirou o que é hoje a missão da Associação Casa Velha - Ecologia e Espiritualidade.

Como Associação, a Casa Velha nasceu em 2012, a partir de duas crises interligadas, como conta Margarida Alvim, Cofundadora e Presidente da Associação Casa Velha e representante da obra na Comissão de Apostolado Social (CAS) da PPCJ: a crise das áreas rurais de pequena propriedade dos anos 1980-1990 e a «crise das pessoas que tomavam conta desta quinta». Se as tensões do tempo criaram o desejo e evidenciaram a necessidade de ação,

numa quinta com história e impacto no lugar onde se insere, o passo para a concretização da Casa Velha de hoje foi-se revelando como caminho espiritual pessoal e coletivo. «A conversão de “casa-família” para “casa-comum” tem sido o processo que permite a tomada de consciência da pertença a uma História maior e de aprendermos a cuidar juntos deste lugar, como parte e forma preciosa e única do cuidar do Todo». Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio estiveram na base dos passos que se foram dando, permitindo que os diferentes membros hoje presentes na direção da Associação Casa Velha fossem colaborando e delineando a identidade e missão que hoje a Casa Velha assume.

Essa conversão foi progressiva e está longe de terminar. Começou por se transformar as antigas casas agrícolas da Quinta em espaços de acolhimento onde se foram experimentando novas atividades e experiências «que foram indicando um novo caminho, entre acolhimento, cuidar da terra, viver uns com os outros, cuidando uns dos outros e da comunidade local, através de áreas que se cruzam, [como] a educação, a espiritualidade» e a ecologia. O novo caminho, incerto, mas inspirado por processos regulares de discernimento espiritual conjunto, apontava para o desenvolvimento de atividades abertas a todos, que envolvessem a relação com a Terra, com as Pessoas e com Deus, características intrínsecas e identitárias da Casa Velha, que ao longo do tempo foram atraindo pessoas distintas que hoje se reveem numa missão comum. Deste modo, a Casa Velha tem-se vindo a expandir, formando uma «família alargada que inclui amigos, a Companhia de Jesus e as Irmãs Escravas do Sagrado Coração de Jesus, representados na direção da Associação Casa Velha».

Um marco fundante da missão e identidade da Casa Velha foi a formação do Grupo dos Atravessados, o grupo mais antigo da Casa velha, que em 2021 celebrou o seu décimo aniversário. É uma comunidade de jovens (universitários e pós-universitários) que tirou o nome à aldeia de Vale Travesso e ao «desafio de se “atruessarem” na missão de participar na construção da Casa Comum». Vive a partir de quatro dimensões, que são traços comuns de qualquer experiência Casa Velha: uma vida comunitária e simples, face à vida individualista e consumista que marcam a atualidade; a missão em e com a comunidade, «que nos ajuda a pensar no nosso próprio lugar no mundo»; a contemplação integrada na Criação;



e a oração que bebe, fundamentalmente, da espiritualidade inaciana. O grupo forma-se no início de cada ano letivo e encontra-se um fim-de-semana por mês na Casa Velha para partilhar oração, trabalho na Terra e missão com a comunidade local, seja a dinamizar atividades com crianças de instituições da zona, seja a visitar os idosos da aldeia.

A relação com a comunidade local tem-se revelado uma marca pessoal e basilar do carisma da Casa Velha. Se por um lado procura fazer memória agradecida das relações do passado, por outro, arrisca-se a novos passos partindo das intuições de todos aqueles

que têm vindo a colaborar no desenvolvimento da Associação e que têm apontado para a vivência de uma ecologia integral que não se limita ao cuidado da terra e do meio ambiente, mas que se alarga a toda a Criação, conscientes de que o “Choro da Terra é o Choro dos Pobres” (cf. *Laudato Si'*, 49). Esta intuição veio a ser confirmada pelo Papa Francisco em 2015, aquando da publicação da sua encíclica, *Laudato Si'* (LS):

“A publicação da encíclica LS em 2015 foi um marco muito especial na nossa história. Um momento de consolação profunda por receber uma carta que espelhava e confirmava tão fortemente as intuições e experiências do caminho que se estava a trilhar. Aquela carta, vinda lá do centro da Igreja, por vezes tão longínquo, era-nos pessoalmente dirigida...assim como a toda a Igreja e a todos os homens e mulheres de boa vontade.”

Margarida Alvim, artigo para a '*Laudato Si' Reader*'

Partindo daquilo que experimenta na comunidade local, destacam-se três formas principais da Casa Velha cuidar da Casa Comum (cf. *Laudato Si'*). A primeira, passa pelo conhecer a realidade onde se insere e agir a partir da mesma, avaliando as necessidades e escutando aqueles a quem e com quem quer servir e procura acompanhar. A segunda, regista-se pela oferta da própria Casa Velha que, como obra inaciana, apresenta propostas e exercícios de desenvolvimento humano e pessoal, numa maior relação com o Criador e a Sua criação. Deste modo, pretende alcançar a «periferia rural que [geralmente] não tem tanto acesso a possibilidades de formação», afirma a Margarida Alvim. Por último, embora não se esgote aqui, desde cedo que a Casa Velha teve oportunidade de integrar projetos mais alargados, em articulação com algumas Organizações Não-Governamentais para o Desenvolvimento (ONGD), estabelecendo parcerias em projetos de Educação para o Desenvolvimento (ED) que se desenrolam em escolas do concelho de Ourém e outras a nível nacional. É o caso do atual projeto *EDxperimental - Laboratórios de cidadania global e desenvolvimento em meio escolar*, em parceria com a Fundação Gonçalo da Silveira (ver capítulo “FGS | Fundação Gonçalo da Silveira”).

Sendo a Associação um corpo alargado que, em si mesma, reúne o envolvimento de duas congregações religiosas, um leque abrangente de amigos e parcerias com várias ONGD, com facilidade a Casa Velha conseguiu formar pontes que estabelecem relação com a comunidade global, partindo sempre da sua realidade local:

“Para lá do lugar físico, a Casa Velha é também lugar de comunhão com outros lugares e pequenas comunidades/casas que, como aqui, cuidam da nossa Casa Comum.

A partir da LS [Laudato Si’] e da colaboração com a rede Ecojesuit, integramos desde há dois anos uma ‘Comunidade de Comunidades’, que liga três casas a cuidar da Casa Comum: Casa Velha, Balay Laudato Si em Bendum – Filipinas, com o P. Pedro Walpole sj, e Sukaria – Indonésia, com a Ir. Ana Pina aci.”

Margarida Alvim, artigo para o *Laudato Si’* Reader



Ao longo dos anos tem-se revelado complexa a tarefa de definir e explicar a Casa Velha, talvez porque seja uma experiência mais para ser vivida do que explicada. A elaboração do Plano Estratégico para 2020-2025 (PE 2020-2025) revelou-se um forte contributo que esquematizou a resposta à pergunta “o que é a Casa Velha?” ou, pelo menos, contribuiu para estruturá-la numa visão ambicionada: que a Casa Velha possa ser e “constituir um lugar de relação, catalisador de conversão ecológica”.

De facto, este é lugar de relação que “impele a comportamentos diferentes” (PE) porque permite e desencadeia uma transformação interior a partir da qual se cuida a Casa Velha e «outras casas velhas» que vão germinando noutros lugares. É «como a parábola do grão de mostarda que se transforma numa grande árvore que dá abrigo e acolhe, mas que também gera sementes, transportadas pelos pássaros para outras comunidades/famílias», afirma a atual Presidente da Associação. E esse lugar não está destinado a um possível futuro da Casa Velha, mas é uma realidade do agora, uma essência intrinsecamente sua que toca os tantos que por lá passam e que não ficam indiferentes ao que a Casa Velha permite experimentar:

«Com frequência ouvimos na Casa Velha – ‘sinto-me em casa!’. Esta é uma experiência profundamente reparadora e detonadora de uma vocação para o cuidado, que nos confere uma identidade e missão. A partir deste encaixe existencial, surge a apropriação generosa e livre pelo cuidado da Criação na vida concreta de cada um. Esta é uma inquietação e vocação que todos partilhamos, que vamos buscando e aprofundando ao longo da vida. Com que

finalidade passamos por este mundo? Para que viemos a esta vida? Para que trabalhamos e lutamos? Que necessidade tem de nós esta terra? Trata-se de um drama para nós mesmos, porque isto chama-nos a pôr em causa o significado da nossa passagem por esta terra. (LS 160) Os processos de mudança precisam de ter como referência estas perguntas de fundo, este princípio e horizonte maior da nossa existência.»

Margarida Alvim, artigo para a '*Laudato Si'* Reader'



Neste sentido, os oito pilares em que a Casa Velha assenta inspiram o modo de proceder dos seus membros, mas também fundamentam dois traços característicos desta obra que, no decorrer do tempo, se tem estruturado como corpo em missão. O primeiro aspeto, sobre a sua essência: considerando o ritmo lento com que os processos avançam, próprio do ritmo da terra, regularmente faz referência à experiência da Casa Velha como uma “escola da paciência”, que procura “saber esperar com alegria e sempre aberta e disponível”. O segundo aspeto, sobre o estado do projeto, revelador da sua identidade: identifica-se esta como uma obra “simples, frágil e inacabada” (PE 2020-2025), características que, apesar da sua aparente fraqueza, são a força vital daqueles que procuram seguir a Cristo.



V I V E R



aberto e
disponível



aguardando



em verde



com pouco
cálculo



sabendo
esperar



comprometido
e atento



com alegria



em
comunhão

Atualmente, além do grupo dos Atravessados existe uma Comunidade Casa Velha em Lisboa, um grupo de pessoas que vive na cidade e procura rezar a sua vida e partilhar a oração, a partir dos oito pilares da CV. Existe ainda uma comunidade mais regular, um grupo de (atualmente) quatro pessoas que, movidas pelo desejo de contribuir para a construção da nossa Casa Comum, decidiram partilhar a missão com a Margarida, fazendo da Casa Velha a sua nova casa. A partir da vocação de cada um, a comunidade permanente procura viver conforme os moldes de uma comunidade cristã, partilhando oração e missão e, dessa forma, prefigura um novo modo de estar na Casa Velha e em Igreja.

A Associação Casa Velha – Ecologia e Espiritualidade passou a integrar a Comissão de Apostolado Social (CAS) da Província Portuguesa da Companhia de Jesus (PPCJ) em 2017, precisamente «por trazer este sentido da ecologia e da justiça, integrado com toda a dimensão espiritual-social», traços nos quais a Companhia de Jesus se revê e que tão bem expressos estão nas Preferências Apostólicas definidas para a década de 2019-2029. Não sendo esta uma obra pertencente à Companhia de Jesus, nasceu e cresceu com a espiritualidade inaciana e esta está no centro da sua identidade:

«Um grande desejo da Casa Velha é que outros experimentem esta dinâmica dos Exercícios Espirituais, independentemente de os fazerem efetivamente ou não.»

Margarida Alvim

+ 50

VOLUN
TÁRI
OS

+ 10000

BENE
FECIÁ
RIOS

+ 65

ASSO
CIA
DOS

PR
OR

7
JET
OS

DE EDUCAÇÃO
PARA O
DESENVOLVIMENTO
REALIZADOS

COLÉGIOS

COLÉGIO
DAS CALDINHAS
E COLÉGIO
SÃO JOÃO DE BRITO



Colégio das Caldinhas

Rua do Instituto Nun'Avres, 54,
Santo Tirso
tel. 252 830 900
info@institutonunalvres.pt
www.colegiodascalдинhas.pt

Colégio São João de Brito

Estrada da Torre, 28, Lisboa
tel. 217 519 000
geral@csjb.pt
www.csjb.pt



Foi no Século XVI que se fundou o primeiro colégio dos Jesuítas, com Santo Inácio ainda em vida, em Medina, Itália. Não se previa a criação de instituições educativas quando a Companhia de Jesus foi constituída, já que o espírito missionário de viver em pronta disponibilidade para partir a qualquer momento estava na gênese do ser-se jesuíta e a estruturação dos colégios poderia pôr em causa essa identidade. Fundado o primeiro colégio – inicialmente destinado à formação dos jesuítas e, com o passar de tempo, aberto ao público – Santo Inácio e os seus companheiros compreenderam a força e alcance evangélico destas instituições e rapidamente começaram a surgir colégios da Companhia de Jesus por todo o mundo.

Hoje, os colégios da Companhia de Jesus são uma marca do trabalho dos Jesuítas e têm o objetivo claro de formar homens e mulheres conscientes, compassivos, competentes e comprometidos com o mundo onde habitam. Centram-se em promover uma educação integral – pessoal, comunitária e espiritual – formando a sua consciência social e acompanhando-os no planeamento do seu projeto de vida.

“A finalidade da educação da Companhia de Jesus nunca foi a aquisição de um conjunto de informação e de técnicas ou a preparação e uma carreira, se bem que tudo isto seja importante e útil para futuros líderes cristãos. O fim último da educação secundária da Companhia é antes o crescimento completo da pessoa, que conduz à ação, uma ação empapada do espírito e da presença de Cristo, o Homem para os outros.”

In Características da Educação da Companhia de Jesus, 1987, GRACOS, p. 49

A pedagogia inaciana, cujos estudos e desenvolvimentos contam com quase cinco séculos, nasceu da experiência pessoal de Inácio de Loiola e da forma como o santo a conseguiu refletir nas Constituições da Ordem e nos Exercícios Espirituais (EE). Centra-se em formar jovens para a liberdade e a responsabilidade, seguindo

o *MAGIS*, que se traduz na construção de uma vida orientada pela busca da maior glória e serviço de Deus. “Experiência, reflexão e ação” são palavras de ordem do modelo pedagógico que busca adaptar-se ao contexto, não só da própria instituição, inserida numa geografia específica, como do aluno, a quem põe no centro da sua missão e cujo desenvolvimento é fortemente determinado por fatores socioeconómicos, familiares, individuais, culturais, entre outros. Por fim, a avaliação, herança inaciana, é o culminar do projeto educativo, que permite “tirar proveito” (EE 106) do processo realizado e, dessa forma, reler o percurso para aprender com os erros e fortalecer os traços positivos.

A história dos colégios em Portugal é longa e conturbada, em grande parte devido às duas expulsões de que a Companhia foi alvo desde o século XVIII. Hoje, são dois os colégios que os jesuítas dirigem em Portugal e que têm representação na Comissão de Apostolado Social (CAS).

O Colégio das Caldinhas, instalado nas Caldas da Saúde, Santo Tirso, é um centro educativo, com cerca de 1150 alunos, composto por cinco escolas: o Instituto Nun’Alvres (INA), o Centro de Cultura Musical (CCM), Associação Pró-Infância Nuno Álvares (APINA), a Oficina – Escola Profissional do INA (OFICINA) e a ARTAVE – Escola Profissional Artística do Vale do Ave.

Tendo iniciado a sua atividade em 1912, na Bélgica, o INA é uma escola privada com alunos do 1º ao 12º ano de escolaridade. Tem uma oferta variada que inclui o ensino regular com propinas e o ensino profissional de frequência gratuita, com cursos nas áreas da saúde, eletrónica e restauração.

O CCM tem sede no Colégio das Caldinhas, desde a sua fundação em 1979. É um Conservatório Regional de Música que serve toda a região do médio Ave, em particular os concelhos de Santo Tirso e de Vila Nova de Famalicão, onde tem instalações. O CCM permite a realização do ensino integrado e articulado da música, a partir do 1.º ano.

A APINA, fundada em 1978 por um conjunto de pais e colaboradores ligados aos jesuítas e ao Colégio das Caldinhas, inclui uma creche com berçário e educação pré-escolar, dirigida a

crianças dos quatro meses aos cinco anos de idade. O acordo com a Segurança Social permite que as mensalidades se ajustem à realidade das famílias, de forma que nenhuma criança seja excluída por razões económicas.

Para os alunos que queiram optar pelo ensino técnico-profissional e artístico, existem ainda duas escolas. A OFICINA surgiu em 1989 com o objetivo de preencher uma grave lacuna do sistema de ensino em Portugal que descurava a vertente prática e tecnológica, essencial para o desenvolvimento do país. Com cursos a partir do 10.º ano na área da comunicação, *marketing* e audiovisuais, a OFICINA oferece aos seus alunos espaços e tecnologias avançadas que contribuem para o alto desempenho da sua aprendizagem. A ARTAVE, criada também em 1989, é uma instituição de ensino profissional artístico, dedicada exclusivamente ao ensino de música, para alunos do 7º ao 12º ano. Foca-se sobretudo no ensino de instrumentos de cordas e sopro e destaca-se nacionalmente pelas carreiras profissionais de sucesso que tem gerado.

Em Lisboa, o Colégio São João de Brito, fundado em 1947, é um colégio privado sem fins lucrativos que, à semelhança do colégio do Norte, procura “Educar para Servir”, lema oficial do Colégio de Lisboa. Com 1463 alunos, a oferta formativa de ensino regular começa no jardim de infância, aos três anos de idade e termina no 12º ano.

Ambos os colégios, que se distinguem nacionalmente pela qualidade do ensino e pela variedade da oferta educativa e artística, estão intrinsecamente unidos por uma espiritualidade e pedagogia comuns que vivem do mote “em tudo amar e servir” (EE 363). É o desejo de serviço, e de tomada de ação num mundo ferido, que faz dos colégios algo mais forte e profundo que uma simples instituição de ensino. No centro da sua identidade reside a missão de formar pessoas com um coração compassivo, capazes de tomar decisões segundo os critérios evangélicos e conforme um discernimento apreendido e treinado ao longo dos anos. É por isso que desde cedo se procura incutir nos alunos a atenção a realidades frágeis, a compaixão com os mais necessitados e o compromisso com a transformação do mundo que os envolve.



Procurando concretizar um dos lemas da educação da Companhia de Jesus, “criar homens e mulheres *para e com os outros*”, o setor social dos colégios desenvolve um conjunto de propostas que procuram dinamizar os alunos e a comunidade, através do voluntariado de campanhas e de outras atividades sociais. Apresentando diferentes formatos, estas ações sociais pretendem colocar os alunos em contacto com realidades distintas, incentivando uma análise crítica das mesmas e, posteriormente, a descoberta da missão e responsabilidade de cada um na construção da sociedade.



Neste sentido existem algumas iniciativas comuns aos dois colégios. É o caso da dinamização do Dia Mundial dos Pobres, cuja organização se articula entre a Pastoral e os Gabinetes de Ação Social dos Colégios. Comemorado no 33º domingo do Tempo Comum desde 2017, o Dia Mundial dos Pobres foi instituído pelo Papa Francisco a 20 de novembro de 2016 na sua Carta Apostólica *Misericórdia et Misera*. De forma a assinalar este dia universal da Igreja Católica, a iniciativa foca-se em sensibilizar toda a comunidade educativa para as temáticas da pobreza e da exclusão social, proporcionando aos alunos e professores uma oportunidade de contactarem com realidades distintas, seja pela colaboração com instituições localizadas nas respetivas áreas geográficas, seja através de parcerias com outras obras inicianas. Durante a semana que prepara o 33º Domingo do Tempo Comum, ambos os colégios têm a sua atenção direcionada para aquela que é a segunda Preferência Apostólica da Companhia de Jesus para a década de 2019-2029, “Caminhar junto aos pobres, os descartados do mundo, os violados na sua dignidade numa missão de reconciliação e justiça”. Cada ano, os colégios procuram, de formas distintas, viver essa semana e, em conformidade com toda a Igreja, fazer



germinar nos corações dos Homens sementes de cuidado, compaixão e atenção a todos aqueles mais vulneráveis.

Na época do Natal tanto o Colégio São João de Brito como o Colégio das Caldinhas organizam campanhas de recolha de alimentos e outros bens, que visam apoiar instituições sociais e famílias carenciadas, seja da área geográfica de cada um dos colégios seja das famílias dos próprios alunos, como é o caso, em especial, do Colégio das Caldinhas. Estas iniciativas são sempre acompanhadas de uma proposta educativa, procurando que sejam em grande medida levadas a cabo pelos alunos, que se devem envolver na recolha dos donativos e responsabilizar pela divulgação da ação.

Os Programas de Voluntariado são também uma das atividades comuns aos dois colégios. É o caso do Projeto de Mentorias, que visa aproximar alunos de diferentes idades. No início do ano é atribuído um aluno mais novo a outro mais velho, que se compromete a acompanhar o seu par, ao longo do ano letivo, na organização



1500

ALUNOS COM EDUCAÇÃO GRATUITA

do estudo e na integração escolar. É uma ação gratuita que, além de promover a relação entre alunos de diferentes faixas etárias, ajuda a cultivar a disponibilidade e serviço desinteressado.

Semanalmente os alunos do Colégio S. João de Brito apoiam no estudo dos jovens da Associação Juvenil Padre Amadeu Pinto (ver capítulo “APAP – Associação Padre Amadeu Pinto”), «que podiam ser seus colegas», como relembra o Padre Gonçalo Machado sj. A APAP pertencente à Companhia de Jesus e conta com uma comunidade de jesuítas no Bairro do Pragal onde já há mais de 20 anos trabalha pelo desenvolvimento do distrito e da sua população. A interação entre jovens do Pragal e alunos do Colégio São João de Brito é mais um dos esforços da Companhia de Jesus em aproximar realidades distintas e, por vezes, tão cheias de preconceitos que podem ser desmistificados à luz das relações pessoais. Destacam-se igualmente outras iniciativas como os campos de férias dos Gambozinos e dos Campinácios, entre outras que se podem encontrar neste livro (ver capítulo “Grupos de Voluntariado”).



No Colégio das Caldinhas integra-se no horário semanal de muitos dos estudantes visitas a lares de idosos, centros de dia ou outras associações inseridas na área geográfica de Santo Tirso e Vila Nova de Famalicão. São ocasiões para os alunos saírem “do seu próprio amor, querer e interesse” (EE 189), colocando-se fora da sua zona de conforto e dando oportunidade a novas relações inter-geracionais.



É também de destacar o envolvimento dos dois colégios no projeto Eco-escolas, um programa internacional da Foundation for Environmental Education, desenvolvido em Portugal desde 1996 pela Associação Bandeira Azul da Europa (ABAE), que procura promover a Educação Ambiental para a Sustentabilidade. Composto por um núcleo de professores que anualmente se compromete a levar o projeto avante, o Conselho Eco-Escolas é constituído essencialmente por alunos, divididos pelos diferentes ciclos. No início do ano letivo cada turma elege um eco-delegado que fica responsável por implementar as atividades determinadas para o ano e divulgar as ações junto dos colegas. A participação nestas atividades é voluntária, assim como a assistência nas Assembleias, que visam monitorizar a agenda definida para o ano. Integrado neste projeto foram criadas hortas biológicas pedagógicas no bosque do colégio, que oferecem aos alunos a possibilidade de ter contacto direto com a terra, de conhecer as formas de produção e aprender sobre as estações indicadas para a plantação e colheita dos vegetais.

Destaca-se também o *bgreen // ecological film festival*, um festival de vídeo ecológico, promovido pela OFICINA, que tem como principal objetivo sensibilizar os jovens para as questões ambientais através de *spots* de vídeo. Com uma vertente eminentemente



social, na medida em que pretende melhorar as condições de vida da comunidade local, este **projeto social** é composto por alunos voluntários que desenvolvem ações de sensibilização e intervenção ligadas ao ambiente junto de populações desfavorecidas da região, em parceria com as Câmaras Municipais de Santo Tirso e de Vila Nova de Famalicão.

Todas as ações sociais desenvolvidas pelos Colégios são acompanhadas por uma forte componente espiritual e pastoral, que procura «promover uma justiça que operacionaliza a fé», afirma Marisa Freitas, coordenadora do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família do Colégio das Caldinhas e representante dos Colégios na Comissão de Apostolado Social (CAS) da Província Portuguesa da Companhia de Jesus (PPCJ). Durante cada ano letivo todos os alunos são convidados a aderir a uma vida enraizada na fé e a experimentar a vivência da espiritualidade inaciana que busca centrar cada pessoa no Coração de Cristo. As propostas passam por dias de reflexão e Exercícios Espirituais adaptados; campos de férias durante o verão e grupos de oração comunitária; a Semana Inaciana, que junta os dois colégios para celebrar a espiritualidade comum e refletir sobre o seu caminho; e celebrações regulares da Eucaristia, muitas das quais dinamizadas pelos próprios alunos.

O Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família do INA e o Gabinete de Apoio ao Aluno da OFICINA, além da implementação de atividades de solidariedade e ação social, dedica-se sobretudo ao acompanhamento personalizado dos alunos e das famílias que vivem em situações de grande fragilidade social e económica.

«Acredito que o sonho de Santo Inácio se cumpre nesta presença que procuramos ter junto das famílias mais carenciadas e no desejo diário de formar os alunos, para que adquiram competências que os ajudem no futuro a crescer e a melhor se desenvolverem. Que, ao mesmo tempo ajudem as suas famílias a saírem do ciclo de pobreza em que sempre viveram. Sentimos que o aluno que temos à nossa frente poderá fazer toda a diferença na sua família e é por isso que

investimos ao máximo nesses alunos, para que eles possam ser um motor de diferença nessa família. Achamos que é pela via da educação que pode ser criada aqui toda a diferença.» Neste sentido, o colégio funciona como uma alavanca social: «Acompanhamos famílias muito destruídas e com baixas competências ao nível escolar; situações muito precárias de trabalho ou de desemprego e percebemos que muitas destas situações foram fruto do abandono escolar muito precoce, pelo que, enquanto tivermos cá os seus filhos, vamos tentar criar a diferença».

Marisa Freitas

A educação é vista como uma ação social por si só pelo papel fulcral que tem no desenvolvimento e crescimento da pessoa humana. Contudo, como afirma Marisa Freitas, é «aquilo que de social se faz nos colégios, a sua vertente eminentemente social» desenvolvida pelos gabinetes que justifica a presença dos colégios na CAS, na qual têm presença desde 2005.

As informações recolhidas para a elaboração deste livro sobre cada uma das obras que compõem a Comissão de Apostolado Social da Província Portuguesa da Companhia de Jesus foram maioritariamente obtidas através de entrevistas realizadas pela Patrícia Pedrosa, realizadora do Documentário, e Teresa Rebelo de Andrade, autora do livro, aos então representantes de cada uma das Obras da Comissão de Apostolado Social da Província Portuguesa da Companhia de Jesus, a saber: Paróquias, Padre Francisco Campos sj.; APAP, Padre Gonçalo Machado, sj.; FGS, Teresa Paiva Couceiro; JRS, André Costa Jorge; CSM, Ana Barata; Grupos de Voluntariado, Cláudia Assis Teixeira; Gambozinos, Maria Coimbra; Grão, Tânia Araújo; Projeto Rabo de Peixe, Maria Vieira; Centro Comunitário São Cirilo, Mariana de Mariz Roseira; LD, Carmo Fernandes; Casa Velha, Margarida Alvim; Colégios da PPCJ, Marisa Freitas.

Informações adicionais necessárias foram obtidas através dos *websites* das organizações, de entrevistas e/ou conversas com colaboradores e/ou voluntários das obras e, em alguns casos, através de bibliografia específica.

